



Ministério *Adventista*



Julho-Agosto de 1960



Meditação:

Os Direitos do Homem

ENOCH DE OLIVEIRA

de 1789 até

O DIA 14 de julho ~~tem~~ para a civilização contemporânea uma significação extraordinária. ~~Lembra, esta data evocativa, a tomada da Bastilha, símbolo da opressão, do discricionari-~~ ~~smo e da intolerância.~~ Caiu, neste dia, o último reduto da prepotência, com ele, o odioso regime da subserviência física, intelectual, econômica e religiosa.

Por vários séculos o homem esteve agrilhoado aos arbítrios da nobreza — classe privilegiada — e da Igreja — força então dominante. As liberdades essenciais do indivíduo estiveram, durante longo e tenebroso período, condicionadas aos interesses da igreja oficial e do Estado forte. E desta situação opressiva brotou, entre a massa popular e as classes ilustradas, um anseio geral de liberdade e justiça.

Em diversos ângulos de atividades humanas, tendências emancipadoras se manifestavam.

Os cultores das letras, artes e ciências, com o vitorioso movimento renascentista, independem-se dos estreitos limites da escolástica medieval, procurando inspiração na cultura helênica e romana que a Idade Média criminosamente comprimira nas catedrais.

Na economia os processos tradicionais de compreensão e cerceamento foram substituídos por uma era de franquias absolutas, graças à divulgação dos princípios fisiocrático-liberais, consubstanciados no clássico moto: "Laissez faire laissez passer".

No campo da Teologia, a Reforma rompeu os grilhões do sectarismo religioso, proclamando o livre-exame dos textos sagrados. Descrevendo esta extraordinária obra, disse o festejado escritor Emílio de Lavaley: "... Logo que a Reforma pôs o Evangelho nas mãos dos camponeses, estes reclamaram a abolição da servidão e

o reconhecimento de seus antigos direitos em nome da liberdade cristã. A Reforma inspirou por toda parte enérgicas reivindicações dos direitos naturais, a liberdade, a tolerância, a igualdade dos direitos, a soberania do povo."

Estes movimentos de reforma emancipadora prenunciavam, indubitavelmente, o crepúsculo de uma era de obscurantismo, de cerceamentos e limitações, bem como a alvorada radiosa de uma época mais promissora e fecunda, onde a liberdade e a justiça pudessem coexistir.

Com efeito, a histórica eclosão revolucionária, que abalou a França em 1789, não foi outra coisa senão o conflito destas novas idéias contra o antigo regime. Era a reação de um povo cheio de ideais libertários contra os propósitos escravocratas das classes dominantes.

Desta violenta revolução que, por vários anos, encheu de luto e dor a desditosa França, saíram vitoriosos os sublimes princípios da liberdade.

Em 14 de julho de 1789, caiu a Bastilha ante a pressão e a fúria popular. Com este feito histórico foi abolido o poder absoluto; deixou de existir a religião obrigatória, e os odiosos privilégios da realeza caducaram.

Reunidos em assembléia, legisladores eleitos pelo sufrágio popular estabeleceram os princípios normativos que consolidavam a liberdade civil e religiosa. Estes princípios constituíram as memoráveis "declarações dos direitos do homem e do cidadão", inspirados na legislação liberal dos Estados Unidos da América, legislação esta que proclamava "como evidentes as verdades que todos os homens são criados iguais entre si e dotados pelo Criador de direitos incontestáveis à vida, à liberdade e à realização da felicidade".

Entretanto, a liberdade civil e, notadamente, a liberdade religiosa, estatuídas pelos legisladores franceses, só podem subsistir num Estado livre, divorciado do poder espiritual. As abundantes páginas da história nos ensinam que a aliança do Estado com a igreja constitui um amálgama pleno de perigos para a sobrevivência das liberdades. Compreendendo isto, os constituintes franceses apressaram-se em proclamar a separação do poder temporal que, por vários séculos, esteve unido, num conluio infeliz com o poder espiritual.

É bem de se ver que Cristo Jesus, já em Seus dias, definiu sem rebuços a verdadeira posição do Estado, em face do poder espiritual. Respondendo a uma capciosa pergunta articulada por um astuto judeu, disse o Mestre da Galiléia: "Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus". S. Mat. 22:21. Com isto ensinou Jesus, em Sua imensurável sabedoria, o respeito às autoridades constituídas e

(Continua na pág. 10)



Órgão publicado bimestralmente pela
Associação Ministerial da Igreja Adventista do
Sétimo Dia
Editado pela

Casa Publicadora Brasileira
Santo André, São Paulo

Diretor — Enoch de Oliveira
Gerente — Bernardo E. Schuenemann
Redator responsável — Lulz Waldvogel
Redator — Arnaldo B. Cristianini
Colaborador especial:
J. J. Aitken

Brasil

Assinatura Anual Cr\$ 300,00
Número Avulso Cr\$ 50,00

Estrangeiro

Assinatura Anual US\$ 2,00
Número Avulso US\$ 0,35



ANO 26 No. 4

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO
Os Direitos do Homem Enoch de Oliveira 2

ILUSTRAÇÕES
Vida e Luz 3
Definições de Religião 3
A Ferrugem Embota o Corte 3

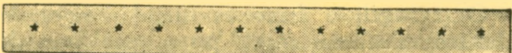
ARTIGOS GERAIS
Os Huguenotes, Pioneiros da Liberdade Daniel Walther 4
A César o que é de César, e a Deus o que é de Deus Fernando Chaij 7
As Leis e a Liberdade Religiosa Arnaldo B. Cristianini 11

OBRA PASTORAL
Integridade Taylor G. Bunch 14
Ordenações ao Ministério em 1959 16

OS ASD RESPONDEM A PERGUNTAS SOBRE DOCTRINA 17

EVANGELISMO — ALMAS PARA DEUS
Evangelismo de Amanhã Sydney Allen 19
Sobre S. Marcos 7:19 22

NOSSA LÍNGUA
Miscelânea 24



Ilustrações

Vida e Luz

NOSSA vida é semelhante ao mostrador do relógio. Os ponteiros são as mãos de Deus, girando ininterruptamente: o ponteiro menor é Mão da Disciplina; e o mais comprido, a Mão da Misericórdia. Lenta e seguramente a Mão da Disciplina gira, e Deus nos fala a cada pancada da hora; porém gira sempre a Mão da Misericórdia, revelando sessenta bênçãos para cada pancada de disciplina ou prova; e ambas as mãos, como ponteiros, se fixam num só ponto exato: o grande e imutável Coração de um Deus de Amor. — *Seleto.*

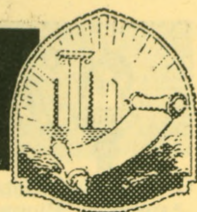
Definições de Religião

“As definições de religião variam, e variam muito as sobre sua natureza e amplitude. Mas, através dos séculos, há virtudes e falhas, anseios e descasos, conquistas e retrocessos, mais ou menos comuns às diversas religiões — nelas incluindo o cristianismo, apesar de gozarem seus adeptos da riqueza de uma revelação divina incomparável.

Entre os enganos comuns de que os homens têm sido vítimas, em toda a história religiosa, salienta-se a orientação que consiste em dar proeminência aos elementos exteriores, visíveis e formais, aos elementos secundários e variáveis, em detrimento do que é interno e espiritual, básico e permanente. A igreja cristã, um sem número de vezes, tem sofrido, em maior ou menor escala, o predomínio das formas e do oficialismo sobre a livre manifestação espiritual; e quando se verifica essa infeliz condição, temos uma igreja quase imobilizada e asfisiada.” — Epaminondas do Amaral, *Cristianismo Intrépido*, pág. 29.

A Ferrugem Embota o Corte

Não é o trabalho árduo que mata o homem; é o estafar-se. Trabalho é saúde. Pode-se colocar sobre um homem a carga mais pesada que ele a levará. O afligir-se é como a ferrugem que embota o ferro. Não é o movimento que arruína a maquinaria, mas a fricção. O temor segrega ácidos, mas o amor e a verdade são juizes brandos. — *Henry W. Beecher.*



Os Huguenotes, Pioneiros da Liberdade

DANIEL WALTHER

Professor de História Eclesiástica no Seminário
Teológico Adventista do Sétimo Dia

UM dos mais comoventes capítulos da história da humanidade foi escrito pelos huguenotes de França. Ao verificarmos que hoje apenas cerca de três por cento da população da França é protestante, a magnitude da contribuição feita pelos protestantes franceses é espantosa.

Alguns têm cogitado se houve, nalgum tempo, um movimento protestante em França! Passam por alto o fato de que o maior teólogo do protestantismo e seu mais enérgico dirigente, João Calvino, era francês. É verdade que Calvino teve que executar sua tarefa no exílio; não obstante defendeu êle a fé evangélica como um talentoso humanista francês, e, posteriormente, como um claro e poderoso expositor da Palavra de Deus.

Houve um movimento evangélico em França antes que Lutero discordasse da igreja na Alemanha. O ensino da justificação pela fé era defendido, de modo especial, nos escritos de Lefèvre, cujos *Comentários* precederam os próprios ensinamentos de Lutero por vários anos. O primeiro movimento evangélico pré-Reforma floresceu com grande vitalidade no clima de França. Um crítico, Faguet, declara que "nada há mais francês, mais *francês antigo* do que o protestantismo francês. . . . Os protestantes franceses são tão franceses que são, por assim dizer, o sal de França." Há, naturalmente, outros que passam por alto este ponto de vista, e pensam que sem a liderança de Lutero não poderia triunfar em França um movimento protestante! Apontam para o fato de que os escritos de Lutero eram lidos em França já nos idos de 1520.

Em meados do século XVI, dificilmente se encontraria uma região em França que não re-

cebasse favoravelmente os ensinamentos da Reforma. Em 1560, no tempo do Almirante Coligny, o grande ancião do protestantismo francês, havia 2.150 igrejas protestantes em França. Mas em 1598, no tempo da assinatura do Edito de Nantes, havia apenas 951 igrejas servidas por 800 ministros e 400 pastores estudantes. Que teria acontecido?

Quarenta anos das mais encarniçadas guerras religiosas, das quais o massacre de São Bartolomeu foi o episódio mais sangrento, dizimaram as fileiras do aprisco protestante. O recenseamento da população francesa em 1598 incluía 274.000 famílias protestantes, ou 1.250.000 pessoas para uma população total de aproximadamente 17 milhões de almas. É também interessante notar que entre os protestantes se achavam as melhores famílias do país e das mais abastadas. Em 1598, 2.468 das mais ilustres famílias de França eram protestantes, e esse estalão predominava por todas as partes. A história tem um débito para com o protestantismo francês.

O Nome Huguenote

A história dos huguenotes é claramente investigável, porém o nome huguenote tem desafiado todas as tentativas de averiguar-lhe a origem. Pretendem alguns que este nome provinha de *Eidguenots*, palavra alemã que significa "confederados" (foi também o nome de um partido político na Genebra de Calvino). Outros, como o impressor humanista Estienne, um contemporâneo, vêem em huguenote o apelido de Hugo (Hugues).

Os evangélicos franceses surgidos antes de Calvino eram, em maior parte, seguidores de

Lefèvre, e agrupavam-se em tôrno dos “reformadores” místicos em Meaux, na década de 1520. A medida que se desenvolvia o movimento, os dirigentes de mentalidade política entre os protestantes continuavam a encontrar-se nas reuniões religiosas nos numerosos templos e sínodos. O rei de França, Francisco I, interessava-se, de quando em quando, no movimento da Reforma antes de tudo por motivos políticos; favorecia os evangélicos tôda a vez que necessitava dos príncipes luteranos em sua luta contra o imperador da Áustria. Francisco I favorecia também o movimento devido a seu interesse intelectual num movimento que em parte tinha raízes na Renascença intelectual.

Logo depois da metade do século XVI, havia dois sólidos partidos políticos em França, ambos com bases religiosas: (a) os católicos, apoiados pela família Guise, e (b) os protestantes, favorecidos pela casa de Navarra. Ambos os partidos competiam pelo prêmio mais elevado — a coroa de França. As duas facções foram inevitavelmente lançadas numa guerra implacável de longos quarenta anos; o resultado foi a vitória dos protestantes.

O rei de Navarra, chefe dos huguenotes, foi o único candidato à coroa de França. Porém somente pôde obtê-la sob a condição de tornar-se católico. A tal custo queria a coroa que, tendo que escolher entre sua fé e o poder político, diz-se que exclamou: “Paris vale mais do que uma missa!” Mais soldado e político do que dirigente religioso, tornou-se êle rei com o nome de Henrique IV de França (e Navarra). Contudo, ajudou, primeiro secretamente depois ostensivamente, seus ex-correligionários; e por um pouco de tempo, durante o reinado de Henrique IV, os huguenotes desfrutaram liberdade e mesmo prosperidade.

O Editto de Nantes

A França de Henrique IV fez uma das mais antigas e significativas contribuições à liberdade religiosa. Embora Henrique tivesse bandeado para o catolicismo romano por razões políticas, secretamente era ainda um huguenote. Os huguenotes, desanimados por algum tempo, receberam encorajamento oculto e depois ostensivo de Henrique IV, o qual em abril de 1598 assinou o Editto de Nantes — um dos mais importantes marcos ao longo da tormentosa estrada da liberdade religiosa.

Verdade é que o Editto de Nantes não conferia plena liberdade de culto; os huguenotes tinham de contentar-se com “certa forma de religião e alguma justiça nos tribunais.” Quando o catolicismo se reinstituiu completamente, os reformados tinham de pagar pequeno tributo ao clero católico e conformar-se com as leis católicas de casamento. Um aspecto controvertido

em particular envolvia os tribunais mistos destinados a litigantes das várias denominações: os reformados não podiam, de modo algum, realizar reuniões políticas.

Importante concessão foi a liberdade de habitarem em qualquer parte do reino sem estarem sujeitos a inquirições ou serem molestados por causa da fé. Não eram coagidos a fazer coisa alguma contra sua consciência, e isto em si era notável conquista! Além disso, a pessoa podia reunir seus irmãos de crença em qualquer parte do reino para o culto. Ao povo protestante permitiram-se consideráveis acréscimos às suas cidades de refúgio. No que toca à educação, mais liberdade foi concedida, e tanto a protestantes como a católicos se permitiu lecionar nas instituições de alto nível. Permittiu-se-lhes também fundar suas próprias escolas nos locais em que seu culto era autorizado. Os protestantes foram também admitidos nos hospitais, e podiam ser sepultados em cemitérios públicos.

De um ponto de vista civil havia também uma liberdade alargada. Aos protestantes se permitiu acesso aos cargos públicos. A igualdade civil foi assegurada por um artigo que lhes facultava serem admitidos a tôdas as dignidades, cargos e funções públicos, e proibia qualquer outro exame ou discriminação quanto à qualificação, conduta e moral além daqueles a que os católicos estavam sujeitos.

Como se revelava no princípio, contudo, os huguenotes não estavam satisfeitos com o editto, ao passo que os católicos se exasperavam porque êle concedia muita coisa!

O significado do Editto de Nantes é que êle constitui um monumento luminoso e que marcou época no caminho em direção ao ideal — uma igreja livre num Estado livre. O editto colocava a França à frente das nações ocidentais, e punha a questão da liberdade religiosa como um ideal de vanguarda. Os huguenotes daquele tempo e o rei Henrique IV permaneceram mais perto daquela liberdade religiosa ideal do que em conjuntura anterior na história. Aquêlê editto, a despeito de suas deficiências iniciais, foi uma bênção. Os huguenotes prosperaram; suas indústrias e emprêsas floresceram — de fato, “ser rico como um huguenote” tornou-se um provérbio em França!

Revogação do Editto

Os triunfos eram evidentemente demasiados para os católicos suportarem. Por maneiras várias e sinuosas os católicos solapavam o editto, e desacreditavam a denominada Religião Reformada. O cardeal Richelieu ab-rogou parcialmente o Editto de Nantes, e Luiz XIV, depois de expedir perto de duas centenas de ordens e leis contra os huguenotes, revogou finalmente o edi-

to em 1685, apenas oitenta e sete anos depois de ter entrado em vigência.

A revogação, que foi resultado da intriga católica e da miopia política, é considerada um tremendo erro político porque prejudicou a França. Apesar da proibição de saírem da França, os huguenotes deixaram seu amado país aos milhares, levando às suas novas pátrias suas práticas legais, seus hábitos de poupança, suas indústrias e sua técnica. Enriqueceram grandemente as terras que os acolheram bem: Prússia, Inglaterra e América. Mas todo o povo não pôde emigrar; alguns huguenotes permaneceram em França e submeteram-se à pressão dos católicos, especialmente quando o governo se utilizou da soldadesca — as implacáveis *dragonadas* que constituíram numa investida de militares sem entranhas, aos quais se permitiam toda a espécie de coação com exceção da morte. Os “dragões” eram chamados “missionários de esporas.”

Os huguenotes fizeram considerável contribuição, pelo menos indiretamente, às concepções religiosa e social enquanto se desenvolveram no clima de França. As idéias de tolerância religiosa, que se tornaram muito correntes no século dezoito, podem, pelo menos em parte, remontar aos huguenotes que permaneceram fiéis em França e leais às tradições de liberdade.

A Resistência dos Huguenotes

Após a revogação do Edito de Nantes em 1685, o protestantismo em França ficou condenado: as velhas famílias protestantes de notoriedade, ou voltavam ao aprisco católico ou iam para o exílio; as grandes cidades protestantes entregaram-se. Havia, porém, os camponeses do Sul, na região dos Montes Cévennes. Os que não foram para os subterrâneos foram lançados a uma longa guerra, a Guerra dos Camisardos. Por aproximadamente cem anos os protestantes franceses não podiam realizar reuniões regulares; viam-se obrigados a reunirem-se no “deserto” da região de Cévennes. Os protestantes tornaram-se “resistentes”. Os protestantes “Camisardos” que lutavam por um ideal e pela sua religião eram poucos em número, e suas armas primitivas nos fazem pensar no exército de Gideão. O chefe huguenote Cavalier só conseguira uma espingarda e doze espadas — tinham que fabricar suas armas. Os dirigentes dos protestantes achavam-se tão pouco preparados como Gideão: Cavalier era padeiro, Rolando era fazendeiro, e Catinat, ferreiro. Os rebeldes eram poucos, porém defendiam uma causa! Sabiam por que eram da resistência. “Toda a guerra travada em Cévennes o foi em meio ao cântico de salmos.”

Isto levou o governo da França a trazer sob

controle estas poucas centenas de fazendeiros protestantes. Dois mil e quinhentos soldados da tropa regular e dois marchais de França não foram capazes de dominá-los, e o terceiro marchal apanhou a prêsã por meio de ardil. Cavalier era hábil e arrojado; mas em 1704 o marchal Villars, que sabia ser impossível obter a rendição de Cavalier pela força das armas, procurou com êxito meios diplomáticos de promessas, como as da plena liberdade de culto. Enquanto Cavalier se rendia, o outro chefe huguenote recusara-se a ir; especialmente o jovem Rolando rejeitou as ofertas da Corte, e a guerra continuou. Não por muito tempo, porém, porque Rolando foi traído e morto.

A resistência dos huguenotes prosseguiu subterraneamente. Jamais se narrou a história completa dos horrores perpetrados contra eles: a matança de crentes que se reuniam em celeiros, no campo aberto, nas florestas, chacinada pelas espadas dos “missionários de esporas” (os dragões” do rei, ou tropas), mulheres e crianças torturadas, esquarteradas, queimadas em fogo lento. Seu único crime era orar, cantar hinos, e exortarem-se mutuamente na Palavra de Deus.

Durante êstes tempos de opressão, os protestantes eram mais fervorosos do que nunca, e alguns dos maiores pregadores demonstraram grande coragem e eloquência. Havia Cláudio Brousson, que a princípio tentou resistência pacífica; no entanto afiguravam-se inevitável a defesa armada de sua terra, seus lares e igrejas. Além disso, o grande entusiasmo era acoroçado por pretensos “profetas”, que lhes mantinha a fé em estado de vigilância agressiva. Em meio às guerras dirigiam sínodos, continuavam na observância de regras eclesiásticas, e realizavam o culto a céu aberto, no “deserto.” Continuavam a casar seus jovens e sepultar seus mortos à maneira evangélica, e centenas dos que haviam abandonado a fé sob a pressão da soldadesca retornaram ao aprisco. Havia o grande pregador Antoine Court e outros pastôres famosos no “deserto”, como o talentoso Paul Rabaut. Os protestantes decidiram resistir por todos os meios possíveis. Mesmo suas mulheres permaneceram firmes.

Há no Sul de França uma prisão que fôra reservada para mulheres prisioneiras e particularmente para as huguenotes. Bem conhecido é o caso de Maria Durand, que fôra trancafiada naquela “Torre de Constança” aos quatorze anos de idade e libertada trinta e oito anos depois. Os que visitam aquêlê calabouço medieval poderão ver ainda a palavra que ela gravou no duro granito: “resistir” — o *leitmotiv* dos protestantes, como daqueles de Mas Soubeyran, onde o jovem Rolando tinha seu lar e onde foi morto.

O Editto da Graça e a Mensagem Huguenote

A causa protestante foi finalmente resolvida por um gesto em 1787, quando Luiz XVI assinou o "Editto da Graça", o qual restabelecia os protestantes como cidadãos franceses e considerava sua religião como aceitável. Foram finalmente tolerados em seu país.

A liberdade na qual os huguenotes de França desbravaram o caminho foi adquirida pelo mais elevado preço — o sangue dos crentes esclarecidos e corajosos que eram encontrados nas fileiras aristocráticas de ilustres famílias francesas e também nas choupanas modestas dos camponeses.

Os huguenotes, durante sua experiência presente, estavam no caminho da vitória porque tinham uma *mensagem*.

Uma mensagem religiosa: Exaltavam a Palavra de Deus como nenhum outro grupo protestante. Ao obedecerem a consciência como uma testemunha, proclamavam com grande certeza e fervor a mensagem de perdão e salvação.

Uma mensagem eclesiástica: Criam numa igreja tanto visível como invisível, e na irmandade universal dos crentes. Tinham opiniões definidas quanto à função da igreja e do pastor. Insistiam nos rigorosos atos litúrgicos do culto embora as reuniões no "deserto" lhes cau-

sassem vicissitudes indescritíveis, forçando-os a carregar, para onde fôssem adorar, o púlpito portátil e os vasos sagrados da comunhão.

Uma mensagem moral: Haviam recebido a rígida forma do viver cristão como Calvino ensinava, e criam nela. Sustentavam que havia uma relação invisível entre a religião e a vida diária.

Uma mensagem internacional: Ao serem expulsos do país natal, lançaram alguns dos mais firmes fundamentos da liberdade religiosa na Alemanha, Holanda, Suíça e América.

Uma mensagem de liberdade: Nenhum outro grupo religioso sentiu mais intensamente a necessidade da liberdade religiosa e o direito a ela, tanto para si mesmos como para os outros. O Editto de Nantes é em espírito a contribuição huguenote à liberdade de outros grupos minoritários. Este documento constitui legislação que marcou época, pois era notável em relação ao avançar dos tempos. Encontramos o espírito de liberdade impregnando o pensamento não apenas dos círculos religiosos de França mas igualmente as esferas intelectuais. Nas tempestades e angústias de sua história atormentada, os huguenotes arvoraram na verdade com destemor o magnífico estandarte da liberdade religiosa, pelo qual estiveram prontos a morrer ou, ainda mais, testemunhá-lo em sua vida diária.

A César o que é de César, e a Deus o que é de Deus

FERNANDO CHAIJ

Redator-chefe da Casa Editora Sudamericana,
Buenos Aires

Sintético enunciado de nossos deveres e privilégios como igreja e como indivíduos em face dos problemas que nos apresenta a liberdade religiosa.

O FALAR de liberdade religiosa coloca-nos diante do mais fundamental e inviolável de todos os direitos humanos, pertinente ao âmbito sagrado da consciência, e que afeta a mais íntima de todas as relações: a do homem com seu Deus.

Liberdade — Atributo Fundamental do Homem

A liberdade é uma das características básicas da natureza humana. O homem é um ser moral dotado de livre arbítrio, ou seja, da capacidade para decidir e escolher, porque o Criador ao formá-lo à Sua imagem e semelhança, concedeu-lhe este atributo fundamental. Neste sentido diferencia-se de todos os demais seres da criação, e em virtude dele se torna responsável diante de Deus pelo curso de sua vida. (Jer. 31:30; Ezeq. 18:4.)

Coerente com este princípio, cada filho de

Adão, de cérebro normal, possui inteligência, consciência e vontade, e goza da faculdade de tomar decisões e determinações em sua vida privada.

Eis porque a religião de Cristo e da Bíblia é uma religião de liberdade, de escolha: "Quem quiser, tome, de graça, da água da vida". "Eis que estou à porta, e bato. Se alguém ouvir Minha voz, e abrir, entrarei." "Escolhei, pois, a vida". "Examinai tudo; retende o bem."

Direito Inalienável Reconhecido Pelos Estados Modernos

Se Deus fez o homem, dotando-o da faculdade de tomar decisões relativas à sua vida privada e, em particular, à sua maneira de adorar a Deus, nenhum ser humano, nenhuma legislação, nenhum governo e nenhuma organização eclesiástica podem privá-lo dêsse direito natural, que é o que, por excelência, o eleva em hierarquia e o constitui na própria coroa da criação.

Depois de uma luta de séculos, que fêz cair inúmeros mártires e tirou a vida a milhões de heróis anônimos, as constituições dos Estados modernos consagram a liberdade religiosa como um direito fundamental e inalienável; não como uma graça ou concessão feita pelo governante, mas como garantia individual inerente à condição humana. Nas cartas magnas de todos os países modernos, êste conceito ficou claramente fixado, em expressões mais ou menos amplas, mais ou menos terminantes.

A Constituição norte-americana, além de reconhecer a liberdade de culto, proíbe ao Congresso legislar sobre matéria religiosa. A Constituição argentina, que, em sua maior parte, é reflexo da norte-americana, estabelece:

"Todos os habitantes da Nação gozam dos seguintes direitos... professar livremente seu culto" (Art. 14).

Êste preceito constitucional acha-se apoiado pelos seguintes:

"A Nação argentina não admite prerrogativas de sangue nem de nascimento... todos os seus habitantes são iguais perante a lei" (Art. 16); "as ações privadas dos homens, que de nenhum modo ofendam a ordem e a moral pública, nem prejudiquem a terceiros, estão reservadas exclusivamente a Deus, e não se tutelam à autoridade dos magistrados" (Art. 19); "os princípios, garantias e direitos reconhecidos nos artigos anteriores não poderão ser alterados pelas leis que regulamentarem seu exercício" (Art. 28).

Na realidade, no âmbito das garantias humanas, o mais sagrado e intocável dos direitos é o de render culto a Deus ou não fazê-lo, à vontade, e segundo a determinação da própria consciência. Se é preciosa a liberdade de imprensa, de ensino, de reunião, o direito de trabalhar, de exercer qualquer atividade lícita, de entrar e sair do território e viajar de um lugar para outro, muito mais sagrada é a liberdade religiosa porque afeta as mais íntimas convic-

ções do coração. Não foi sem razão que Domingos Faustino Sarmiento, grande educador e presidente argentino, escreveu: "A liberdade de consciência é a base de tôdas as outras liberdades, a base da sociedade e da própria religião".

Assim o próprio Estado reconhece, em consonância com os princípios bíblicos, que não lhe assiste o direito de ultrapassar os limites invulneráveis da consciência.

Depois desta desataviada introdução, vejamos quais os nossos deveres e privilégios como filhos de Deus e como igreja em face dos problemas que nos impõe a liberdade religiosa.

Espírito de Gratidão e Lealdade

1. *Em primeiro lugar, devemos manter um espírito de gratidão a Deus e aos mentores de nossas respectivas pátrias* pela oportunidade de vivermos num país de liberdade e respeito aos direitos humanos, quando tal é o caso.

Nem sempre foi assim. A história da humanidade é uma longa sucessão de lutas cruentas e denodadas contra a opressão, a intolerância e a perseguição religiosa. Graças a Deus, porém, por vivermos numa época em que, em extensos setores do mundo, se respeitam os direitos da consciência. Lamentavelmente tal não ocorre em vastas regiões de nosso planêta, e precisamos nos lembrar de que, finalmente, a perseguição se desencadeará em todo o orbe contra os que se decidam a rejeitar o sinal da bêsta e exibam sòmente o sêlo do Deus vivo.

2. *O sermos bons cristãos implica na obrigação de sermos os melhores cidadãos* da pátria onde nascemos ou do país de adoção. O cristão contribuirá para o engrandecimento do país onde mora e que lhe oferece proteção, levando vida honrada, altruísta e útil à comunidade: em uma palavra, viverá o cristianismo.

Reconhecerá as autoridades constituídas sem servilismos degradantes, e respeitará as leis do país cumprindo-as com tôda fidelidade. (Rom. 13:1-7; Tito 3:1; I S. Ped. 2:13-15). Cumprirá os deveres cívicos (S. Luc. 20:25; Rom. 13:7): o sufrágio, os trabalhos que sejam serviço público (por exemplo ser presidente ou mesário de uma seção eleitoral), o serviço militar, o pagamento dos impostos, etc.

Embora como filhos de Deus devamos exercer o dever de participar de eleições para a escolha de governantes mediante o voto consciente, não podemos ser arrastados à militância ou a discussões políticas, que sempre dividem e causam contendas na igreja. Eis o que nos adverte a pena inspirada:

"Não devem gastar seu tempo a falar de política e agir em favor dela; pois assim fazendo, dão oportunidade ao inimigo de penetrar e causar desinteligências e discórdias... Os filhos de Deus têm de se separar da política, de tôda aliança com os incrédulos." — *Obreiros Evangélicos*, pág. 395.

"O Senhor quer que Seu povo entere as questões políticas. Sobre esses assuntos, o silêncio é eloquência. Cristo convida a Seus seguidores a chegarem à unidade nos puros princípios evangélicos que são positivamente revelados na Palavra de Deus. Não podemos, com segurança, votar por partidos políticos; pois não sabemos em quem votamos. Não podemos, com segurança, tomar parte em nenhum plano político." — *Idem*, pág. 391.

Por sua vez, a serva do Senhor nos admoesta contra o usar distintivos políticos:

"Os que são deveras cristãos são ramos da Videira verdadeira, e darão o mesmo fruto que ela. Agirão em harmonia, em comunhão cristã. Não usarão distintivos políticos, mas os de Cristo." — *Obreiros Evangélicos*, pág. 392.

Em uma palavra, embora devamos exercer nossos direitos, e quanto a eles temos que nos informar devidamente e ter nossa opinião, não podemos militar na política, fazer manifestações públicas e filiar-nos a determinado partido político.

E no ato de votar, devemos considerar especialmente que é nosso dever apoiar, numa eleição, os homens que respeitem a liberdade de consciência:

"Não podemos trabalhar para agradar a homens que irão empregar sua influência para reprimir a liberdade religiosa, e pôr em execução medidas opressivas para levar ou compelir seus semelhantes a observar o domingo como sábado. O primeiro dia da semana não é um dia para ser reverenciado. É um sábado espúrio, e os membros da família do Senhor não podem ter parte com os homens que o exaltam, e violam a lei de Deus, pisando Seu sábado. O povo de Deus não deve votar para colocar tais homens em cargos oficiais; pois assim fazendo, são participantes nos pecados que eles cometem em quanto investidos desses cargos." — *Obreiros Evangélicos*, págs. 391 e 392.

Suprema Obediência a Deus

3. *O cristão estará disposto a obedecer de modo supremo a Deus.* Ao acatar as leis e reconhecer as autoridades, cuidará que nenhuma lei ou autoridade humana esteja acima da lei e autoridade de Deus. Sempre que se apresente algum conflito entre as exigências de Deus e a de César, o cristão estará disposto a tomar a mesma ousada e decidida determinação que os apóstolos Pedro e João tomaram ao declararem: "Mais importa obedecer a Deus que aos homens" (Atos 5:27-29).

Nossa atitude como filhos de Deus será, em tais casos, de prudência, humildade e mansidão, porém de absoluta lealdade aos preceitos divinos. Assim se comportaram os mártires cristãos do tempo do império romano, e da Idade Média, ao afrontarem serenos e ousados as feras, o patíbulo e a fogueira. Assim agiram os membros de verdadeira igreja de Cristo em tôdas as emergências, diante da opressão e perseguição. E assim agirão os que constituem o pequeno rebanho, o povo remanescente, que hão de levar o selo do Deus vivo, ao desencadear a última perseguição mundial, quando tôda a Terra seguir após a bêsta, e todos aqueles cujos nomes não estão no livro da vida receberem o sinal da bêsta na testa ou na mão.

Que Elementos Inclui a Liberdade Religiosa

4. *O quarto princípio relativo à liberdade religiosa consiste em ter-se um claro conceito de que a mesma inclui os seguintes direitos:*

a) O direito de escolher nossa religião de acôrdo com nossa consciência.

b) O direito de reunião com propósitos de culto, para adorar a Deus, cantar, orar, dar testemunhos, pregar, etc.

c) O direito de propagar a fé. Isto é parte integrante do culto cristão. Uma proibição legal que afete este aspecto da liberdade religiosa desnatura a religião de Jesus. Ordenou Êle: "Ide por todo o mundo, e pregai o evangelho a tôda a criatura." Segundo a parábola do grão de mostarda, o reino de Deus deve crescer. É atentatório à liberdade de culto reservar zonas geográficas de um país para a evangelização por parte de um credo privilegiado, excluindo-se delas as demais igrejas.

d) O direito de publicar e fazer circular livros, revistas e folhetos sobre assuntos religiosos sem prévia censura; o de usar o rádio e todos os meios lícitos de divulgação religiosa.

e) O direito de dirigirmos nossos lares segundo as normas cristãs. Para isso devemos opor-nos a tôda ideologia que pretenda tirar os filhos do lar e da custódia de seus pais para educá-los em institutos do Estado, porque é nos primeiros anos da vida que se lançam as bases firmes e permanentes do caráter e da convicção religiosa, que encaminham todo o curso da existência.

f) O direito de ensinar a nossos filhos as crenças religiosas de seus pais em nossas próprias escolas, sustentadas e dirigidas com base em nossos princípios. Não somos partidários da implantação do ensino religioso nas escolas públicas, nem cremos no ensino livre mantido pelo Estado, porém sustentamos que cada confissão religiosa deve ter o direito de fundar e dirigir suas próprias escolas, e estamos dispostos a manter as nossas ainda que à custa de sacrifícios, porque as crianças e os jovens constituem a mais preciosa herança e esperança da igreja, e qualquer sacrifício que se faça por eles será mais que compensado.

Somos Guardiães da Liberdade Religiosa

5. *O quinto princípio é que Deus nos constituiu, como Seus filhos, em guardiães natos da liberdade religiosa, e temos o sagrado dever de cumprir com zelo tão alta investidura.*

Na defesa deste direito, temos que empenhar nosso interesse, nossa energia e nosso mais decidido esforço. Deus enviou a Seu povo mensagens inspiradas e muito claras a respeito.

Comentando a decisão dos príncipes alemães reunidos na Dieta de Spira, na época da Reforma, em 1529, quando resolveram ousadamen-

te repelir o decreto do imperador Carlos V, pois, "em assuntos de consciência — afirmaram — a maioria não tem poder", lemos:

"O estandarte da verdade e liberdade religiosa que estes reformadores arvoraram, nos tem sido confiada neste último conflito. A responsabilidade d'este grande dom pesa sobre aquêles a quem Deus abençoou com o conhecimento de Sua Palavra." — *Test. for the Church*, Vol. 6, pág. 402.

E lemos ainda:

"Como um povo não temos cumprido a obra que Deus nos confiou. Não estamos preparados para o desfecho ao qual nos levará a imposição da lei dominical. É nosso dever, ao vermos os sinais do perigo que se aproxima, despertar-nos para a ação. Que ninguém se assente em calma expectativa do mal, confortando-se com a crença de que esta obra terá de prosseguir porque a profecia o predisse, e que o Senhor guardará o Seu povo. Não estamos cumprindo a vontade de Deus se nos deixarmos ficar em quietude, nada fazendo para preservar a liberdade de consciência." — *Testemunhos Setos*, Vol. 2, págs. 320 e 321.

Por isso a igreja trabalha em todos os países por meio de seu Departamento de Liberdade Religiosa: a) realizando visitas aos magistrados, autoridades e personalidades de influência; b) publicando artigos em nossos periódicos, e em diários e revistas seculares; c) produzindo e divulgando folhetos especiais sobre assuntos de liberdade religiosa; d) instruindo a igreja acêrca de seus deveres e privilégios neste terreno.

O Grande Princípio de Separação Entre a Igreja e o Estado

6) O sexto e último elemento que implica a liberdade religiosa é que, como um povo, sustentamos enfaticamente e lutamos com tôdas as nossas forças para fazer triunfar o grande princípio de separação entre a Igreja e o Estado, princípio que é também ensinado nas Escrituras (S. Luc. 20:25; S. João 18:36). É este um princípio tradicional adventista, e onde quer que ainda não haja sido implantado, deve constituir um dos objetivos de nosso trabalho como igreja.

Creemos que este sistema é próprio das estruturas estatais mais avançadas, tende ao progresso material e moral do país, e favorece a independência e a pureza da religião.

Juntamente com muitos outros grupos religiosos, sustentamos que esta separação constitui o único regime político que garante a mais ampla e efetiva liberdade religiosa, e a igualdade perante a lei. *

Conclusão

Depois de tudo o que dissemos, contudo, temos que nos lembrar que, tudo quanto se faça, não conseguirá senão protelar a hora da crise e perseguição que virá sobre toda a Terra contra os fiéis filhos de Deus.

As profecias estabelecem que os perigos e restrições se irão intensificando até que sobrevenha o grande conflito final, que porá à prova nossa lealdade ao Senhor.

Por isso nossa maior preocupação deve ser, enquanto lutamos para defender os direitos da consciência e a liberdade religiosa, conseguir o preparo espiritual que necessitaremos para essa hora, desenvolvendo: a) uma comunhão mais íntima e vital com Cristo; b) um conhecimento completo das Escrituras; c) um espírito de prudência, sabedoria e mansidão; d) a paciência e a fé característica dos santos; elementos que nos permitirão transportar triunfantemente os tempos de angústia, e nos conduzirão finalmente à cidade de Deus.

* Para mais informações e documentação sobre este aspecto do tema, ver o trabalho intitulado "La Separación de la Iglesia y el Estado. El problema religioso ante la reforma de la Constitución. La posición de la Iglesia Adventista expuesta por F. Chaij".

N. da R. — Conquanto esse trabalho seja de interesse local da nossa igreja na Argentina, os obreiros do Brasil verão nêle valiosas idéias sobre liberdade religiosa.

Os Direitos do Homem

(Continuação da pág. 2)

a sujeição aos princípios divinos. O santo e o profano não possuem nenhuma afinidade.

No dia 14 de julho o mundo comemorará o feito épico da tomada da Bastilha. Esta comemoração se fará justamente quando a liberdade de consciência é ameaçada pelas insidiosas tramas articuladas pelos violadores dos direitos do homem. Seja, pois, neste dia, evocada a sublimidade dos ensinamentos de Cristo no concernente à relação entre o temporal e o eterno; seja, ainda, proclamado, em toda a sua excel-situde, o primado da liberdade de consciência — DÁDIVA DIVINA, DIREITO DO HOMEM.

Sobre S. Marcos 7:19

(Continuação da pág. 22)

nhado por Figueiredo, que assim traduz o passo: "Porque isso não lhe entra no coração, mas vai ter ao ventre, e depois lança-se num lugar escuso, levando consigo tôdas as fezes do alimento."

Nota-se o cuidado que os tradutores da Bíblia tiveram em verter *aphedron*, que significa *retreta, cloaca, latrina, sentina, privada* e coisas semelhantes, por "lugar escuso", ou "fora".

A conclusão é que, de modo algum, Cristo aboliu leis higiênicas, tampouco a elas se referiu, mas somente ao tradicionalismo vazio dos anciãos.

Mateus põe termo à discussão, rematando: "Mas COMER SEM LAVAR AS MÃOS, isso não contamina o homem." (S. Mat. 15:20.)

As Leis e a Liberdade Religiosa

ARNALDO B. CRISTIANINI
Redator de "O Ministério Adventista"



"De tôdas as liberdades sociais, nenhuma é tão congenial ao homem, e tão nobre, e tão frutificativa, e tão civilizadora, e tão pacífica, e tão filha do evangelho, como a liberdade religiosa."
— Rui Barbosa.

HÁ que distinguir, liminarmente, entre liberdade de consciência e liberdade religiosa. Aquela é inviolável e não se tutela a ditames exteriores, enquanto esta consiste na livre exteriorização do culto. Medidas opressivas ferem esta última, porém não atingem aquela.

O problema da liberdade religiosa é tão velho como o mundo. Pode-se dizer que o assassinio de Abel teve raízes na intolerância religiosa. A organização política do antigo Egito era absolutista, e quando o rei Akhenaten quis alterar o culto solar, recorreu à fôrça, perseguindo atrocemente o antigo sacerdócio de Amon-Ra e seus fiéis. Também os assírios e babilônios eram intolerantes quanto às religiões alheias. Salmanaçar, Sargão, Senaqueribe e outros conquistadores acreditavam-se inspirados pelos deuses Assur, Nebo e Marduque. Em vista disso, o deixar de adorar êsses deuses constituía *ipso facto* crime punível com torturas e morte. Clássico é o exemplo de Nabucodonozor, cêrca do ano 600 A. C., mandando erguer no campo de Dura a gigantesca estátua de ouro, punindo com incineração num forno a quem diante dela não dobrasse os joelhos, num dado momento.

Na antiguidade clássica também encontramos a intolerância religiosa, apesar das avançadas concepções filosóficas dos gregos e dos rígidos princípios jurídicos dos romanos. Que os atenienses eram intolerantes prova-o sobejamente o caso de Sócrates que, por especular sôbre a pretensa virtude dos deuses, foi, no ano 399 A. C. intimado a comparecer perante o Conselho da cidade, e julgado como ateu e destruidor da religião, sendo sentenciado a morrer por suas próprias mãos.

Séculos depois, os gregos sucessores de Alexandre, o Grande, fundaram um reino na Síria e se propuseram a helenizar a Palestina. Como os palestinos se recusassem a adorar ídolos gregos, sofreram os mais horrendos suplicios, sendo mortos mais de 80.000 e outros tantos cativos e vendidos como escravos durante a perseguição de

Antiocho Epífano. Podemos ler estas cruezas nos livros dos Macabeus.

Embora os romanos fôsem mais brandos, havia lá, contudo, a chamada "adoração do Estado," pois Roma era a abstração deificada do Estado." Os imperadores eram tidos como deuses. Logo no início da difusão do cristianismo, houve perseguição envolvendo autoridades romanas. Que dizermos de Nero, Domiciano, Diocleciano, Valeriano, Décio e outros que perseguiram, desterraram e maltrataram os cristãos? O conceito de que o imperador era divino — pelo fato de ser a encarnação do Estado — foi, em grande parte, responsável por essas atrocidades.

Posteriormente, com a suposta conversão de Constantino deu-se a fusão da Igreja com o Estado, abrindo as comportas para o chorrilho de inovações que redundaram na apostasia total. E então os fiéis à primitiva pureza cristã passaram a ser vítimas da intolerância da igreja dominante. Temos os anais históricos da época dos reformadores, e da tenebrosa inquisição a atestarem esta nódoa terrível; modernamente, a intolerância se encastela por detrás das leis e ação suspicaz de certos governos. Diga-se, de início, que lei magna de nenhum país declara abertamente a perseguição, o desfavor ou desrespeito às crenças religiosas. A despeito disso, existe a perseguição, o espeznhamento aberto ao direito das minorias religiosas, a imposição, com o beneplácito de certos governos, de medidas que violentam a liberdade religiosa do cidadão. Os ~~adventistas do sétimo dia devem lutar~~ para que a liberdade religiosa das minorias seja mantida, cumprindo-se, dêsse modo, as franquias constitucionais que a asseguram. ~~A~~ título de informação, passaremos em revista os artigos que garantem a liberdade religiosa, nas constituições vigentes em vários países.

Rússia

~~É o país de prova da "cortina de ferro".~~ ^{Reza} A Constituição soviética ~~estabelece~~

"Com o fim de assegurar a liberdade de consciência, a Igreja na URSS será separada do Estado e a escola será separada da Igreja. A liberdade de culto, assim como a liberdade anti-religiosa serão outorgadas a todos." — Capítulo X — Direitos Básicos e Deveres do Cidadão — Art. 124.

A igreja aí mencionada é a grega, que nos tempos do czarismo cometeu grandes desmandos, comprometendo a ética cristã. Sabemos, contudo, que, apesar dessa garantia constitucional,

há lá restrições bem sérias ao exercício do culto. ~~Não se permite à obra adventista ter ligação com os chamados países capitalistas. Temos lá, por assim dizer, uma igreja autônoma, sujeita a certas injunções do Estado, dissociada dos órgãos administrativos da Obra, e isolada de sua sede.~~ A Igreja Ortodoxa é estatalizada.

Iugoslávia

A Constituição da República Federativa Popular da Iugoslávia (que abrange a Sérvia, Croácia, Slovênia, Bósnia, Herzegovina, Macedônia e Montenegro) estatui:

“É garantida aos cidadãos a liberdade de consciência e de religião. A igreja é separada do Estado. As organizações religiosas cujas doutrinas não se oponham à Constituição são livres em suas atividades, bem como na prática de seus cultos. As escolas religiosas para a formação de sacerdotes são livres mas funcionarão sob a fiscalização do governo.” — *Capítulo V — Direitos e Deveres dos Cidadãos* — Art. 25.

Atente-se bem para o final deste artigo. É comprometedor.

Esta “fiscalização” do governo nos seminários tem prejudicado grandemente o livre funcionamento dos mesmos, influenciando também no exercício dos cultos. Esta liberdade é muito relativa, quase uma ficção, como os fatos têm demonstrado.

China

A Constituição da República Popular da China afixa:

“Os cidadãos da República Popular da China têm direito à liberdade de consciência.” — *Capítulo III — Direitos e Deveres Fundamentais dos Cidadãos* — Art. 88.

É de notar-se que aí se refere à liberdade de consciência, e não propriamente à liberdade de culto, o que é sintomático e suspeito. Na mesma Carta Magna há o art. 87 que declara ser livre o direito de reunião, e o art. 90 garante a inviolabilidade do domicílio.

Apesar de tanta garantia constitucional expressa, a perseguição religiosa lá é um triste fato. Não faz muito, a Igreja Adventista proclamou jejum universal em intenção de nossos irmãos chineses, vítimas de atroz perseguição. Os nossos templos foram fechados, alguns membros presos e declarados inimigos das autoridades, aplicando-se-lhes terríveis sanções. Em países de feição totalitária, a liberdade religiosa é quase ficção. Não é só nos regimes esquerdistas que tal se verifica. As ditaduras da direita também primam pela intolerância. Tomemos, por exemplo, a

Espanha

Diz a Constituição espanhola:

“A profissão e prática da religião católica, apostólica, romana, que é a religião do Estado, gozarão de proteção oficial. Ninguém será molestado por causa de suas crenças religiosas ou o exercício privado de seu culto. Não serão permitidas nenhuma cerimônias ou manifestações externas, com exceção as da religião católica.” — *Direito dos Espanhois — Título I — Deveres e Direitos do Povo Espanhol — Capítulo I — Art. 6.*

Como se vê, só a igreja oficial é cercada de amplas garantias e favores dos poderes públicos. As minorias religiosas ali não têm sequer o direito de se reunirem em templo aberto. É vedada a propagação religiosa dessas minorias.

Portugal

A Constituição Política da República Portuguesa reza:

“É livre o culto público ou particular de tôdas as religiões, podendo as mesmas organizar-se livremente, de harmonia com as normas de sua hierarquia e disciplina... Sem prejuízo do preceituado pelas concordatas na esfera do Padroado, o Estado mantém o regime de separação em relação à Igreja Católica...” — *Título X — Das Relações do Estado Com a Igreja Católica e do Regime de Cultos* — Arts. 45 e 46.

Esse Padroado confere prerrogativas especiais à igreja dominante, propiciando-lhe favores governamentais, arrecadação de foros e outras vantagens que vêm de longa data. Além disso, as minorias religiosas vivem sob vigilância e sofrem censura em sua literatura. É notório o protecionismo dispensado à igreja dominante.

México

“Todo homem é livre para professar a crença religiosa que mais lhe agrade e praticar as cerimônias, devoções ou atos do respectivo culto, nos templos ou em seu domicilio particular, desde que não constituam delicto ou falta de defesa por lei. Todo ato religioso de culto público deverá ser celebrado precisamente dentro dos templos, os quais estarão sempre sob a vigilância das autoridades.” — *Das Garantias Individuais* — Art. 24.

Basta a simples leitura desse texto constitucional especialmente da parte final para perceber-se a odiosa pressão e policialismo que se exercem sobre as atividades religiosas.

Colômbia

“A religião católica, apostólica, romana é a religião da nação; os poderes públicos protegê-la-ão e farão que seja respeitada como elemento essencial da ordem social. Entende-se que a Igreja Católica não é nem será oficial, e conservará sua independência. Ninguém será molestado em razão de suas opiniões religiosas, nem compelido pelas autoridades a professar crenças ou observar práticas contrárias à sua consciência. É permitido o exercício de todos os cultos que não sejam contrários à moral cristã nem às leis. Os atos contrários à moral cristã ou subversivos da ordem pública, praticados com ocasião ou a pretexto de exercício de culto, são submetidos ao direito comum. A educação pública será organizada em concordância com a religião católica.” — *Título III — Direitos Cívicos e Garantias Sociais* — Arts. 38, 39, 40 e 41.

A própria redação dos artigos acima sugere o tipo de liberdade religiosa vigente nesse país. As perseguições às minorias religiosas dissidentes da igreja dominante se têm avolumado nos últimos anos, com torturas, perseguições e humilhações de toda a sorte. Dizer que a igreja dominante não é oficial, mas cercá-la de exclusivismo nos favores oficiais, constitui forma de iludir os cidadãos. A truculência policial tem levado a morte e o confisco a muitos cristãos.

Costa Rica

“A religião católica, apostólica, romana é a religião do Estado, o qual contribuirá para sua manutenção, sem

impedir, na República, o livre exercício de outros cultos que não se oponham à moral universal nem aos bons costumes." — *Capítulo Único — A Religião — Art. 76.*

Evidente engodo para as minorias religiosas é bitolá-las à "moral universal". Com êste expediente se processam as perseguições, o que tem havido nesse país, que, a rigor, adotou uma religião.

Fôrça é convir que, nestes países e outros da mesma índole política, não há, a rigor, liberdade religiosa.

Citemos, a seguir, extratos das constituições dos países liberais, onde presentemente há liberdade de culto. Ver-se-á diferença não só na redação clara e honesta do texto constitucional como também na prática.

Estados Unidos

"O Congresso não poderá passar nenhuma lei estabelecendo uma religião, proibindo o livre exercício dos cultos, cercando a liberdade de palavra ou da imprensa, restringindo o direito do povo se reunir pacificamente ou de dirigir ao governo petições para a reparação de seus agravos." — *Constituição dos EE. UU. — Emenda Constitucional nº 1.*

Brasil

"É inviolável a liberdade de consciência e de crença e assegurado o livre exercício de cultos religiosos, salvo o dos que contrariem a ordem pública ou os bons costumes." — *Constituição Brasileira — Capítulo II — Dos Direitos e Garantias Individuais — Art. 141 § 7.*

Inglaterra

A índole liberal dos ingleses é um fato. Interessante que a Igreja Anglicana é oficial na Inglaterra. Contudo há a mais ampla liberdade religiosa, assegurada na Constituição, em artigo que vem ainda da Carta de Direitos (*Bill of Rights*) tradicional e antiga, e se acha incorporado na "common law", de índole marcadamente liberal.

Suíça

"A liberdade de consciência e de crença é inviolável. O livre exercício dos cultos é garantido nos limites compatíveis com a ordem pública e os bons costumes." — *Constituição Suíça — Capítulo I — Disposições Gerais — Arts. 49 e 50.*

Apesar da diversidade de línguas, religião e costumes, nesse país há, de fato, a liberdade religiosa. Os cantões suíços não entram em conflito, apesar das disparidades confessionais, o que prova a excelência da tolerância e respeito às idéias alheias.

Itália

Passado o tufão fascista, a Itália recuperou-se politicamente, e hoje podemos ler em sua Constituição:

"Todos têm o direito de professar livremente sua própria fé religiosa em qualquer forma, individual ou associada, de fazer propaganda da mesma e exercer culto em privado ou em público; desde que não se trate de ritos contrários aos bons costumes." — *Parte I — Direitos e Deveres dos Cidadãos — Título I — Relações Cívicas — Art. 19.*

Recentemente, nesse país, os militares adventis-

tas conseguiram das autoridades isenção de trabalho aos sábados.

Com ligeiras alterações, pelo mesmo diapasão se afinam as franquias constitucionais dos demais países. Consultámos perto de cinquenta constituições, e os artigos que garantem a liberdade religiosa são quase idênticos. Na Espanha e na Colômbia, há uma religião adotada pelo Estado, em detrimento das minorias religiosas. Em outros países há apenas tolerância, e em outros há liberdade ampla. A tolerância é sinônimo de opressão. C. B. Haynes, escreveu:

"Tolerância não é liberdade. A tolerância é uma concessão; a liberdade é um direito. A tolerância é assunto de conveniência; a liberdade é um princípio. . . . A tolerância em matéria religiosa pressupõe que o governo elegeu e adotou uma religião como a verdadeira, e considera tôdas as demais como falsas, heréticas ou cismáticas. A tolerância permite que estas outras subsistam simplesmente por indulgência, não por direito."

O princípio mais explícito e liberal se substância nestas palavras:

TODA A PESSOA TEM DIREITO À LIBERDADE DE PENSAMENTO, CONCIÊNCIA E RELIGIÃO; ESTE DIREITO INCLUI A LIBERDADE DE MUDAR A RELIGIÃO OU CRENÇA, E LIBERDADE PARA MANIFESTAR A RELIGIÃO OU CRENÇA NO ENSINO, NA PRÁTICA, NO CULTO E NA OBSERVÂNCIA, QUER SÓ OU EM COMUNIDADE, EM PÚBLICO OU EM SECRETO." — *Declaração Universal dos Direitos Humanos, Art. 18.*

No dia 24 de fevereiro de 1960, os presidentes do Brasil e dos Estados Unidos assinaram uma declaração conjunta, denominada "Carta de Brasília", na qual se propõem a defender as liberdades fundamentais do homem, afirmando o "repúdio de toda tentativa contra a liberdade religiosa e a limitação da expressão do pensamento." (Item primeiro.)

Contudo, nós que não cremos que haja um milênio de paz antes da volta de Jesus, mas sabemos que as nações estarão "iradas", segundo a expressão bíblica (Apoc. 11:18), devemos estar de sobreaviso.

Tempo virá, contudo, em que não poderemos confiar nas próprias franquias constitucionais. Diz-nos a pena inspirada:

"Quando a proteção das leis humanas fôr retirada dos que hontam a lei de Deus, haverá nos diferentes países, um movimento simultâneo com o fim de destruí-los. . . . O povo de Deus — alguns nas celas das prisões, outros escondidos nos retiros solitários das florestas e montanhas — pleiteia ainda a proteção divina. . . ." — *O Conflito dos Séculos, pág. 687.*

À vista destes fatos, resta-nos, como obreiros de Deus, fazer diligentemente duas coisas:

a) aproveitar ao máximo o tempo de liberdade religiosa que ainda fruímos, não nos esquecendo dos irmãos que habitam nos países em que essa liberdade já não existe: Difundamos o Evangelho;

b) orar para que o Senhor abrevie Sua obra e nos prepare para suportarmos com galhardia o impacto da intolerância que está prestes a desabar sobre o povo de Deus.



Passos Essenciais Para Obter-se Êxito no Ministério — III

Integridade

TAYLOR G. BUNCH



INTREGRIDADE leva o sentido de qualidade, de estar-se em completa unidade, indiviso em lealdade, e incontestado em caráter. Representa sanidade moral, honestidade básica, pureza absoluta, incorrutibilidade irrestrita, sinceridade inequívoca, e lealdade aos princípios no caráter e na conduta. Nas Escrituras, integridade é sinônimo de justiça e retidão.

Quando o Senhor informou ao rei Abimeleque que Sara, a quem tomara por mulher, era esposa e não irmã de Abraão, o rei respondeu: "Em sinceridade do coração e em pureza das minhas mãos tenho feito isso." Então "disse-lhe Deus em sonhos: Bem sei Eu que na sinceridade do teu coração fizeste isto, e também Eu te tenho impedido de pecar contra Mim; por isso te não permiti tocá-la (Gên. 20:5 e 6). Era êle um homem íntegro, seu pecado ia ocorrendo por ignorância, e Deus livremente o perdoou. O Senhor prometeu a Salomão que se andasse "em justiça e inteireza de coração," como andara seu pai Davi, seu trono e reino seriam estabelecidos para sempre.

Mencionemos alguns textos que realçam o valor da integridade no caráter cristão: "Julga-me, Senhor, conforme a minha justiça e conforme a integridade que há em mim." "Guardem-me a sinceridade e a retidão, porquanto espero em Ti." "Julga-me, Senhor, pois tenho andado em minha sinceridade." "Quanto a mim, Tu me sustentaste na minha sinceridade [integridade, no original], e me puseste diante da Tua face para sempre" (Sal. 7:8; 25:21; 26:1; 41:12). "A sinceridade dos sinceros os encaminhará, mas a perversidade dos deleais os destruirá." "O justo anda na sua integridade; bem-aventurados serão os seus filhos depois dele." (Prov. 11:3; 20:7).

Talvez ninguém na história humana tenha sido mais severamente provado do que o patriarca

Jó. Eis a avaliação de seu caráter feita por Deus: "Havia um homem na terra de Uz, cujo nome era Jó; e êste era homem sincero, reto e temente a Deus, e desviava-se do mal." Que possuiria uma pessoa para merecer tal recomendação divinamente inspirada? Depois o Senhor perguntara a Satanás se conhecia a Jó, de quem disse: "Ninguém há na Terra semelhante a êle, homem sincero e reto, temente a Deus, e desviando-se do mal, e qua ainda retém a sua sinceridade, havendo-me tu incitado contra êle, para o consumir sem causa." Jó não vacilou nem mesmo quando sua esposa lhe disse: "Ainda reténs a tua sinceridade? amaldiçoa a Deus, e morre." Sua declaração: "Ainda que fle me mate, n'fle esperarei;" demonstrou inteireza de rara qualidade. Ainda que o Senhor tivesse permitido a Satanás perseguir a Jó — o que naturalmente suscitara interrogações em seu espírito quanto a origem e propósito do sofrimento — o registro nos diz que "Jó não pecou, nem atribuiu a Deus falta alguma," como fazem muitas pessoas que passam por provas que não podem compreender. Necessitasse, mais do que nunca, dêsses líderes de firmeza, nestes dias de instabilidade e deslealdade. (ver Jó 1:1; 2:3 e 9; 13:15; 1:22.)

A Escolha de Líderes por Deus

Quando os israelitas viajavam através do deserto, do Egito para Canaã, Jetro, sob direção divina, aconselhou a Moisés a selecionar dirigentes para o ajudarem na obra administrativa. Disse: "E tu dentre todo o povo procura homens capazes, tementes a Deus, homens de verdade, que aborçam a avareza, e põe-nos sobre eles por maiores de mil, maiores de cem, maiores de cinquenta, e maiores de dez" (Êxo. 18:21). Eis três das qualificações mais importantes para nossa liderança na igreja. "Homens capazes" — os adestrados, hábeis e eficientes, "tementes a Deus" — que tenham espiritualidade e consa-

gração, e "homens de verdade" — honestos e sinceros. A igreja hoje necessita de dirigentes com estas características.

A mesma espécie de homens foi escolhida pelos apóstolos a fim de administrar os negócios da igreja. "Escolhei, pois, irmãos, dentre vós, sete varões de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria, aos quais constituamos sobre este importante negócio. Mas nós perseveraremos na oração e no ministério da palavra" (Atos 6:3 e 4). Entre aqueles escolhidos estavam Filipe e Estêvão, que foram poderosamente usados pelo Senhor na proclamação do evangelho, tornando-se um o primeiro missionário, e o outro o primeiro mártir.

"Os homens precisam ter fibra moral, e integridade que não possa ser lisonjeada, subornada ou amedrontada." — *Test. for the Church*, Vol. 5, pág. 297.

"Agora é o tempo de mostrar-se o povo de Deus leal aos princípios. Quando a religião de Cristo fôr mais desprezada, quando Sua lei mais desprezada fôr, então deve nosso zelo ser mais ardoroso e nosso ânimo e firmeza mais inabaláveis. Permanecer em defesa da verdade e justiça quando a maioria nos abandona, ferir as batalhas do Senhor quando são poucos os campeões — essa será nossa prova. Naquele tempo devemos tirar calor da frieza, coragem da covardia, e lealdade de sua traição." — *Testemunhos Seletos*, Vol. 2, pág. 31.

"A maior necessidade do mundo é a de homens — homens que se não comprem nem se vendam; homens que no íntimo da alma sejam verdadeiros e honestos; homens que não temam chamar o pecado pelo seu nome exato; homens, cuja consciência seja tão fiel ao dever como a bússola o é ao pólo; homens que permaneçam firmes pelo que é reto, ainda que caiam os céus." — *Educação*, pág. 57.

Homens de Princípios

José é descrito como um homem de semelhante caráter, e exemplo para nossa moderna juventude:

"Jovens que têm firmes princípios abster-se-ão do prazer, desafiarão a dor, e enfrentarão galhardamente até a cova dos leões e a fumaça aquecida a serem achados infiéis a Deus. Observai o caráter de José. A virtude foi severamente provada, porém seu triunfo foi completo. Em cada ponto o nobre jovem suportou a prova. O mesmo elevado e inflexível princípio se mostrou em cada prova. O Senhor estava com ele e Sua palavra era lei.

Semelhante firmeza e princípio imaculado brilham mais vivo em contraste com a debilidade e ineficiência dos jovens desta época. Com raras exceções, são vacilantes, variando a cada mudança de circunstâncias e ambientes, uma coisa hoje, outra amanhã." — *Test. for the Church*, Vol. 5, pág. 43.

Daniel e seus companheiros são aqui mencionados como homens com semelhante caráter. Podemos estar certos de que estas pessoas sempre estarão do lado correto em qualquer questão que envolva princípios e normas de conduta. Poderá haver erros de intelecto mas não de coração. Seus motivos não podem ser postos em dúvida, sua palavra é fidedigna e sua lealdade é certa. Calebe e Josué eram homens desta espécie. Eram pessoas com quem Moisés podia contar em qualquer crise. E esta é a espécie de pessoas que se necessitam para líderes do Movimento do Advento, que se acha viajando dos modernos Egito e Babilônia espirituais para a Canaã celestial. Sim, necessitam-se hoje Ca-

lebes e Josués, e eles estão em nosso meio embora nem sempre reconhecidos.

Disse a mensageira do Senhor: "Apenas alguns Calebes tomarão a frente e manifestarão princípios inabaláveis. São estes o sal que conserva seu sabor." — *Serviço Cristão*, pág. 236.

"O que precisamos agora são Calebes, homens fiéis e verdadeiros." — *Testemunhos Seletos*, Vol. 2, pág. 29.

"Calebe foi fiel e inflexível. Não era jactancioso, não fazia praça de seus méritos e boas ações; mas sua influência se fazia sentir sempre ao lado do direito." — *Test. for the Church*, Vol. 5, pág. 303.

"Josué era agora o reconhecido chefe de Israel. . . Corajoso, resoluto e perseverante, expedito, incorrutível, despreocupado de interesses egoísticos em seus cuidados pelos que se acham confiados à sua guarda, e, acima de tudo, inspirado por uma fé viva em Deus — tal era o caráter do homem divinamente escolhido. . . Durante a peregrinação no deserto agora como primeiro ministro de Moisés e, pela sua fidelidade serena e despreocupada, sua perseverança quando outros vacilavam, sua firmeza para manter a verdade em meio do perigo, dera prova de sua aptidão para suceder a Moisés, mesmo antes que fôsse, pela voz de Deus, chamado a esta posição." — *Patriarcas e Profetas*, pág. 527.

A Integridade Traz a Unidade

A integridade é a base da confiança e o segredo da unidade, a unidade que trouxe a chuva temporal e trará a chuva serôdia do poder espiritual. Sòmente aqueles que passaram dez dias no cenáculo se tornaram "de comum acôrdo." À medida que se aproximavam de Cristo, o grande Ímã, eram ao mesmo tempo atraídos uns aos outros. Não havia unidade alguma entre eles quando andavam juntos. Havia contendas e murmurações quanto a quem seria o maior, e se demonstraram demasiado zelosos em executar o ato do lava-pés. Que transformação, no entanto, se operou em virtude dos dez dias que estiveram com o Mestre. A confiança de um no outro se restaurou completamente, redundando em perfeita unidade. Não havia, naturalmente, base alguma para a unidade com Judas, ou os escribas e fariseus. A unidade não se constrói sobre meros sentimentos ou emoções. Depende da honestidade, da integridade e da sinceridade. Não podemos estar unidos com os que não podemos respeitar ou nos quais não temos confiança. Podemos facilmente fechar os olhos para as faltas e erros daqueles que sabemos ser honestos e sinceros.

Isto não quer dizer que não possa haver honestas diferenças de opinião entre os cristãos genuínos. A unidade não destrói a individualidade. O Senhor jamais fez duas árvores, flores, gramas, estrêlas ou flocos de neve iguais. Cada coisa tem a própria individualidade, e o mesmo se dá com tôdas as criaturas do reino animal, incluindo a espécie humana. É a unidade na diversidade que torna a vida interessante. É deveras comvente vermos uma pessoa assumir o encargo de tornar os outros exatamente iguais a si em todos os hábitos e práticas, pois um de cada espécie foi tudo que o Criador pretendeu. O conhecimento deste fato contribui muito mais na melhoria das

relações entre o pastor e os membros da igreja. Pedro e Paulo, e Paulo e Barnabé tinham honestas diferenças de opinião, porém isso não afetou seu amor e unidade.

Cristo, ao endereçar cada uma de Suas cartas às sete igrejas da Ásia, disse “ao anjo da igreja”, querendo significar o ancião ou pastor. A palavra *anjo* significa mensageiro ou ministro. Os anjos são mencionados como sendo ministros e espíritos ministradores. A inferência é que esses

ministros devem possuir natureza angelical, caráter e aptidão. Devem ser anjos no devotamento ao dever, na abnegação, sinceridade, capacidade, habilidade, sabedoria, tato, lealdade, e integridade, e pode portanto assumir as responsabilidades. Dizer a uma pessoa: “Você é um anjo,” é considerado grande recomendação, e esta é a maneira por que Cristo designou Seus servos ministradores. Que possamos viver de tal modo que mereçamos semelhante recomendação.

Divisão Sul-Americana

Ordenações ao Ministério em 1959

OBREIRO	ENDEREÇO	FUNÇÃO ATUAL
União Austral		
José Galante	Caixa Postal 1003, Peru	Diretor do Dep. de Publicações
Daniel Nestares	Rua Vergara, 3227, Florida, FCNGBM, Buenos Aires, Argentina	Tesoureiro da União
Norberto Mulinari	Yegros 373, Assunção, Paraguai	Pastor-evangelista
União Este-Brasileira		
José M. Almeida	Caixa Postal 378, Recife, Pernambuco, Brasil	Obreiro Distrital
Tezinho P. Bahia	Cel. Antônio Salim, 158, Caratinga, Minas Gerais, Brasil	Obreiro Distrital
Cláudio C. Belz	C. Postal 1919, Rio de Janeiro, Brasil	Departamental MV e Educação
Harry E. Bergold	C. Postal 1326, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil	Secretário-Tesoureiro da Missão Mineira
João I. Costa	Rua Major Belmiro 72, Campina Grande, Paraíba, Brasil	Obreiro Distrital
Neander C. Harder	C. Postal 55, Petrópolis, Rio, Brasil	Diretor de Colégio
Darrel D. Holtz	C. Postal 55, Petrópolis, Rio, Brasil	Tesoureiro de Colégio
Geraldo G. Ivanicska	R. Voluntários da Pátria, Campos, Est. do Rio, Brasil	Obreiro Distrital
Severino T. Lira	R. Alexandrino de Alencar, 651, Natal, RGN, Brasil	Obreiro Distrital
José F. Nascimento	Caixa Postal 378, Recife, Pernambuco, Brasil	Obreiro Distrital
Ewald Schlemper	C. Postal 1919, Rio de Janeiro, Brasil	Obreiro Distrital
Leslie C. Scofield	Lancha Luminar, Pirapora, Minas Gerais, Brasil	Comandante da lancha no Rio S. Francisco
Horne P. Silva	C. Postal 1919, Rio de Janeiro, Brasil	Obreiro Distrital
Deícola Silveira	C. Postal 1919, Rio de Janeiro, Brasil	Obreiro Distrital
União Incaica		
Herder Linares	C. Postal 124, Piura, Peru	Obreiro Distrital
Licínio Bendezu	C. Postal 57, Huancayo, Peru	Obreiro Distrital
Emílio Casas	C. Postal 146, Tacna, Peru	Obreiro Distrital
União Norte-Brasileira		
Oswaldo Pereira	Templo Adventista, Macapá, Terr. Amapá, Brasil	Pastor-evangelista
Eduardo Pereira	C. Postal 243, Manaus, Amazonas, Brasil	Pastor-evangelista

Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem a PERGUNTAS SÔBRE DOCTRINA

A Encarnação e o “Filho do Homem” - IV

PERGUNTA 6

Que entendem os adventistas pelo uso que Cristo fez do título “Filho do homem”? E o que considerais ter sido o propósito básico da encarnação?

A Palavra Inspirada e a Palavra Encarnada, ou o Verbo feito carne, são pilares gêmeos na fé dos adventistas do sétimo dia, em comum com todos os fiéis cristãos. Tôda nossa esperança de salvação repousa sôbre estas duas imutáveis provisões de Deus. Na verdade, consideramos a encarnação de Cristo como o fato mais auspicioso, em si mesmo e nas suas conseqüências, na história do homem, e a chave de tôdas as providências redentoras de Deus. Tudo antes da encarnação conduziu a isso; e tudo que se segue depois procede disso. E isso envolve todo o evangelho, e é absolutamente essencial à fé cristã. Esta união da Divindade com a humanidade — do Infinito com o finito, do Criador com a criatura, a fim de que a Divindade pudesse ser revelada na humanidade — está além de nossa humana compreensão. Cristo uniu o Céu e a Terra, Deus e o homem, em Sua própria Pessoa por meio desta provisão.

Além disso, por ocasião de Sua encarnação Cristo *Se tornou* o que *não era* antes. Tomou sôbre Si a forma corpórea humana, e aceitou as limitações da vida corpórea humana, como o modo de viver enquanto estêve na Terra entre os homens. Dessa forma, a Divindade conglutinou-Se com a humanidade numa única Pessoa, quando Êle Se tornou um e único Deus-homem. Isto é básico em nossa fé. A morte expiatória vicária de Cristo na cruz foi a conseqüência inevitável desta original provisão.

Além disso, quando Cristo Se identificou com a raça humana, através da encarnação, o eterno Verbo de Deus entrou numa relação terrena de tempo. Daí em diante, porém, desde que o Filho de Deus se tornou homem, não cessou de ser homem. Adotou a natureza humana, e ao voltar a Seu Pai, não sômente levou consigo a humanidade que assumira pela encarnação, como reteve Sua perfeita natureza humana inces-

santemente — daí em diante identificando-Se eternamente com a raça que redimira. Isto tem sido expresso de forma clara por um de nossos mais preeminentes escritores, Ellen G. White: “Ao tomar a nossa natureza, o Salvador ligou-Se à humanidade por um laço que jamais se partirá. Êle nos estará ligado por tôda a eternidade.” — *O Desejado de Tôdas as Nações*, pág. 17.

I. O Filho de Deus Se Torna o Filho do Homem

Pela encarnação, a majestade e glória do Verbo Eterno, o Criador e Senhor do universo (S. João 1:1-3) ficaram veladas. E aconteceu então que o Filho de Deus Se tornou o Filho do homem — expressão usada mais de oitenta vêzes no Novo Testamento. Tomando sôbre Si a humanidade, tornou-Se um com a raça humana para que pudesse revelar a paternidade de Deus à raça pecadora, e remir a humanidade perdida. Per ocasião da Sua encarnação tornou-Se carne. Teve fome, teve sêde, tornou-Se cansado. Necessitou de alimento e repouso, e restaurou-Se pelo sono. Partilhou a sorte do homem, carecendo de simpatia e necessitando de assistência divina. Contudo, sempre permaneceu o inculpável Filho de Deus.

Êle jornadaeu na Terra, foi tentado e provado, foi tomado pelos sentimentos de nossas enfermidades humanas, e contudo viveu uma vida inteiramente livre do pecado. Sua humanidade foi genuína e verdadeira, que passou pelos vários estágios do crescimento, como qualquer outro membro da raça. Estêve sujeito a José e Maria, e foi um adorador na sinagoga e no templo. Chorou sôbre a culpada cidade de Jerusalém, e na sepultura de uma pessoa amada. Expressou Sua dependência de Deus em oração. Contudo todo o tempo reteve Sua divindade —

um e único Deus-homem. Foi o segundo Adão, que veio na "semelhança" da carne humana pecaminosa (Rom. 8:3), porém sem mancha de suas propensões e paixões pecaminosas. (Ver também Apêndice B.)

A primeira vez que aparece o título "Filho do homem" no Novo Testamento é aplicado a Jesus como um viandante sem lar, sem mesmo um lugar onde pender a cabeça (S. Mat. 8:20); e a última vez, como um Rei glorificado, prestes a vir (Apoc. 14:14). Foi na qualidade de Filho do homem que veio para salvar os perdidos (S. Luc. 19:10). Como Filho do homem avocava autoridade para perdoar pecados (S. Mat. 9:1-8). Como Filho do homem semeou a semente da verdade (S. Mat. 13:37), foi traído (S. Mat. 17:22; S. Luc. 22:48), foi crucificado (S. Mat. 26:2), ressurgido dos mortos (S. Mar. 9:9), e assunto ao Céu (S. João 6:62).

Da mesma maneira como Filho do homem está Ele agora no Céu (Atos 7:56) e vigia Sua igreja na Terra (Apoc. 1:12, 13 e 20). Além disso, é como Filho do homem que Ele voltará nas nuvens do céu (S. Mat. 24:30; 25:31). E como Filho do homem executará o julgamento (S. João 5:27) e receberá Seu reino (Dan. 7:13 e 14). Este é o registo inspirado acêrca de Seu papel como Filho do homem.

II. Miraculosa União do Divino com o Humano

Cristo Jesus nosso Senhor era uma união miraculosa da natureza divina com nossa natureza humana. Era o Filho do homem enquanto esteve aqui na carne, mas era também o Filho de Deus. O mistério da encarnação é claramente e definitivamente expresso nas Escrituras Sagradas.

"Grande é o mistério da piedade: Aquêl que Se manifestou em carne" (I Tim. 3:16). "Deus estava em Cristo" (II Cor. 5:19). "O Verbo Se fez carne, e habitou entre nós" (S. João 1:14).

Que maravilhosa verdade! Isto foi referido por Ellen G. White como segue:

"Ele vestiu Sua divindade com a humanidade. Durante todo o tempo fôra Deus, porém não aparecera como Deus. Velara as demonstrações de Divindade que impunham a veneração, e exigiam a admiração do universo de Deus. Fôra Deus enquanto estêve na Terra, porém Se desvestira da forma de Deus, e em seu lugar, assumira a forma de um homem. Andou na Terra como homem. Tornou-Se pobre, para que por meio de Sua pobreza pudessemos tornar-nos ricos. Pós de lado Sua glória e majestade. Era Deus, mas as glórias pertinentes a Deus, Ele por algum tempo as renunciou." — *The Review and Herald*, de 5 de julho de 1887.

"Quanto mais pensarmos acêrca da vinda de Cristo como um infante aqui na Terra, tanto mais maravilhoso isto nos afigura. Como pode ser que a criancinha desprotegida na manjedoura de Belém seja ainda o divino Filho de Deus? Embora não possamos compreender isto, podemos crer que Aquêl que fêz os mundos, tornou-se um bebê frágil por nossa causa. Embora mais elevado do que qualquer dos anjos, embora tão grande como o Pai no trono do Céu, Ele Se tornou um conosco. Nêle Deus e o homem se tornaram um, e é nes-

te fato que encontramos a esperança para a nossa raça caída. Contemplando a Cristo na carne, contemplamos a Deus em humanidade, e vemos nêle o fulgor da glória divina, a expressa imagem de Deus o Pai." — *The Youth's Instructor*, 21 de novembro de 1895.

"O Criador dos mundos, Aquêl em quem habitava corporalmente a plenitude da Divindade, manifestou-Se como frágil criancinha na manjedoura. Muiíssimo mais elevado do que qualquer dos anjos, igual ao Pai em dignidade e glória, e ainda usando a roupagem da humanidade! A Divindade e a humanidade combinaram-se misteriosamente, e o homem e Deus se tornaram um. E nesta união que encontramos a esperança de nossa raça caída. Contemplando a Cristo em humanidade, contemplamos a Deus, e vemos nêle o brilho de Sua glória, a expressa imagem de Sua pessoa." — *Signs of the Times*, 30 de julho de 1896.

Em ambas as naturezas, a divina e a humana, foi Ele perfeito; foi sem pecado. Não há a menor dúvida de que isso é verdade quanto a Sua natureza divina. Quanto à Sua humanidade é também verdade. Em Seu desafio aos fariseus de Seus dias, disse Ele: "Quem dentre vós Me convence de pecado?" (S. João 8:46). O apóstolo dos gentios declarou que Ele "não conheceu pecado" (II Cor. 5:21); que Ele era "santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores" (Heb. 7:26). Pedro podia testificar que Ele "não cometeu pecado" (I S. Ped. 2:22); e João, o amado, nos assegura que "nêle não há pecado" (I S. João 3:5). Não apenas os Seus amigos realçaram-Lhe a natureza sem pecado; também Seus inimigos o fizeram. Pilatos foi forçado a confessar não ter encontrado nêle "nenhuma culpa" (S. Luc. 23:14). A esposa de Pilatos avisara o marido para que não entrasse "na questão dê-se justo" (S. Mat. 27:19). Os próprios demônios foram compelidos a reconhecer-Lhe a filiação divina e consequentemente Sua divindade. Quando se lhes ordenou que sâissem do homem a quem deixaram possesso, retrucaram: "Que temos nós contigo, Jesus Filho de Deus?" (S. Mat. 8:29). O evangelho de S. Marcos registra "o Santo de Deus" (S. Mar. 1:24).

Escreveu Ellen G. White:

Ele tomou "a natureza, mas não a pecaminosidade do homem." — *Signs of the Times*, 29 de maio de 1901.

"Não devemos ter nenhuma dúvida em relação à perfeita inocência da natureza humana de Cristo." — *The SDA Bible Commentary*, Vol. 5, pág. 1131.

Por que tomou Cristo a natureza humana? Isto foi dito com propriedade como segue:

"Pondo de lado Seu traje real e a coroa de soberano, Cristo vestiu Sua divindade com a humanidade, para que os seres humanos pudessem erguer-se de sua degradação e colocados em posição de superioridade. Cristo não podia ter vindo à Terra com a glória que possuía nas côrtes celestiais. Seres humanos pecadores não suportariam vê-Lo. Ele velou Sua divindade com a roupagem da humanidade, porém não Se desfez de Sua divindade. Salvador divino-humano, Ele veio para colocar-se à frente da raça caída, e compartilhar na experiência dêles desde a meninice até a varonilidade. Para que os seres humanos pudessem participar da natureza divina, Ele veio à Terra, e viveu uma vida de perfeita obediência." — Ellen G. White, na *The Review and Herald*, de 15 de junho de 1905. (Grifos supridos.)

"Cristo tomou sóbre Si a humanidade, para que Ele

pudesse alcançar a humanidade. . . . Requeria-se tanto o divino como o humano para trazer salvação ao mundo.” — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 217.

“Tomando sobre Si a humanidade, Cristo veio ser um com os homens, e, ao mesmo tempo, revelar nosso Pai celestial aos pecadores seres humanos. Ele foi em tudo semelhante a Seus irmãos. Fêz-Se carne, como nós. Tinha fome, e sede, e cansaço. Era sustentado pelo alimento e restaurado pelo sono. Partilhou da sorte dos homens, e foi, contudo, o irreprensível Filho de Deus. Era peregrino e forasteiro na Terra — estava no mundo, mas não era do mundo; tentado e provado como o são hoje em dia homens e mulheres, mas vivendo, não obstante, vida isenta de pecado.” — *Test. for the Church*, Vol. 8, pág. 286.

De novo acentuamos que em Sua natureza humana Cristo foi perfeito e sem pecado.

A êste respeito, alguma coisa de importância vital deve ser considerada. Aquêle que é sem pecado, nosso bendito Senhor, voluntariamente tomou sobre Si a carga e penalidade de nossos pecados. Êste foi um ato que se efetivou em pleno consenso e cooperação com Deus o Pai.

Deus “fêz cair sobre Ele a iniquidade de nós todos” (Isa. 53:6).

“Quando a Sua alma se puser em expiação do pecado . . .” (verso 10).

E contudo, isto se constituiu ato voluntário de nosso bendito Salvador, pois lemos:

“As iniquidades dêles levará sobre Si” (verso 11).

“Derramou a Sua alma na morte” (verso 12).

“Levando Ele mesmo em Seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro” (I S. Ped. 2:24).

“Como membro da família humana Ele era mortal, porém como Deus era a fonte da vida para o mundo. Ele podia, em Sua pessoa divina, até ter detido os avanços da morte, e recusado a submeter-se ao seu domínio; porém voluntariamente depôs a vida, para que, assim fazendo, pudesse dar vida e trazer à luz a imortalidade. . . . Que humilhação foi essa! Causou espanto aos anjos. A língua não pode descrevê-la; A imaginação não pode apreendê-la. O Verbo eterno consentiu em fazer-Se carne. Deus Se tornou homem! Foi uma humilhação maravilhosa.” — Ellen G. White, no *The Review and Herald*, de 5 de julho de 1877. (Gritos súpridos.)

Somente o impecável Filho de Deus podia ser nosso substituto. Isto nosso impecável Redentor fêz; tomou sobre Si os pecados do mundo inteiro, mas, em assim fazendo, não ouve nEle a mais leve mancha de corrupção. A Bíblia Sagrada, contudo, diz que Deus “O fêz pecado por nós” (II Cor. 5:21). Esta expressão paulina tem desconcertado teólogos durante séculos, mas por mais que signifique, certamente não quer dizer que nosso Imaculado Senhor Se tornou um pecador. O texto declara que Ele foi feito “(como) pecado.” Portanto deve significar que Ele tomou nosso lugar, que morreu em nosso lugar, que “Ele foi contado com os transgressores” (Isa. 53:12), e que tomou o fardo e a penalidade que nos cabiam.

Todos os fiéis cristãos reconhecem êste ato redentivo de Jesus na cruz do Calvário.

(Continua)

EVANGELISMO — Almas para Deus



Evangelismo de Amanhã

SYDNEY ALLEN

Instrutor do Departamento de Religião no Union College

OS obreiros evangélicos de hoje e de amanhã não ousam fazer pequenos planos ou abandonarem suas idéias tacanhas. O mundo de amanhã apresenta um desafio ao homem que tenciona trabalhar nêle. Certamente isto requer dêle que desenvolva ao máximo cada uma de suas faculdades a fim de enfrentar o desafio.

Após a Reforma, as corporações religiosas que permaneceram fervorosas cresceram e tornaram-se poderosas. As outras perderam terreno, tornaram-se geralmente frias no álgido círculo do formalismo. Permitti-me apresentar alguns pensamentos concernentes aos aspectos fundamentais da situação que, segundo creio, o evangelista de amanhã verá.

Uma Técnica Simples

Antes de mais nada, creio que o evangelista que deseja alcançar com êxito a mente das pessoas de amanhã, precisará simplificar bastante sua técnica. O mundo de hoje tornou-se tão complicado em sua estrutura social que nós, evangelistas, sentimos às vezes que temos de enfrentá-lo com uma técnica complicada. A história desta tática, contudo, parece-me demonstrar sua falência. Conquanto a nova técnica seja recente e possa atrair atenção muito bem, contudo como um jornal de ontem ou o carro do ano passado, logo estará fora de época. Todos reconhecemos que o Evangelho é o plano de Deus para salvar a humanidade, e nada tem que ver com o obsoletismo planejado. Parece-me a mim que muito das vistosas técnicas modernas apela apenas para a classe que procura certa espécie de emoção superficial. Estou impressionado com o fato de que os homens de pensamento pagarão um bom dinheiro para ouvirem alguém executar uma boa sonata de 300 anos de idade, exatamente da mesma maneira como fôra executada durante o século dezessete, se o fôra bem. O Evangelho é a coisa mais apelativa e atrativa que há em todo o mundo à mente e ao coração do homem. Ele jamais está fora de época. Nada temos que ver com sua formulação, porém Deus depende de nós para entregá-lo ao mundo. É possível que acrescentemos saxofones e outros instrumentos de sôpro, e sirenes de incêndio àquilo que seria uma bela melodia se fôsse executado simplesmente como solo de violino?

Não somente creio que o evangelismo de amanhã deve ser livre da preocupação com equipamentos, como creio que o programa completo de evangelismo precisa começar a especializar-se em puros testemunhos evangélicos. Estamos geralmente inclinados a dispendir muito tempo com atividades que não são o alvo em si. Continuamente esforço-me por lembrar a mim próprio que nem a obra filantrópica, nem o ensino bíblico, a colportagem ou a obra médica, o escrever ou as conferências são fins em si mesmos. Pensamos que o evangelismo será de algum modo levado a efeito por meio destas modalidades. Nada pode estar tão distanciado da verdade. Se esperamos que ele possa realizar-se “de algum modo”, êle geralmente não se fará “de modo algum”.

Honestidade

O segundo característico que creio distinguirá o evangelismo de amanhã é a honestidade. Não pretendo insinuar com esta declaração que os evangelistas de dias anteriores não tenham sido honestos. Na verdade, quando alguém estuda a história do evangelismo, verificará que, começando com Pedro Waldo e seus seguidores até ao tempo presente, tem havido incrível-

mente poucos que, em algum tempo, se envolveram em algum escândalo. O que quero significar por honestidade é, por exemplo, que o evangelista se preocupe mais em certificar-se de que é portador de uma mensagem fidedigna a entregar, do que com o fato de que há grande multidão para ouvi-la. Preocupar-se-á mais com o fato de que as declarações que irá pronunciar são autênticas, do que venham elas a causar impressão surpreendente. Deverá preocupar-se mais em ser um verdadeiro perito em sua especialidade, a Bíblia, do que em inculcar-se como perito em qualquer outro campo no intuito de impressionar alguém com a extensão e profundidade de conhecimentos. Será mais cuidadoso em averiguar fatos de situações, do que condenar alguma pessoa ou organização que lhe pareça fora de linha. Estará mais interessado em compreender os verdadeiros sentimentos da pessoa do que apenas impor-lhe seu conselho, por bom que possa ser.

A geração de amanhã constituirá o auditório mais crítico a que alguém tenha procurado ensinar. O nível de elevada educação tem duplicado em décadas passadas e, sem dúvida, duplicará de novo durante a carreira dos evangelistas de amanhã. Um dos resultados disto será certamente que a grande classe média de amanhã estará preparada para desmascarar a propaganda, as aparências ilusórias, as inextidões em afirmações, as falsidades, e a esquivar-se mais depressa do que os auditórios de qualquer geração anterior. O próprio ministro terá que adestrar-se tanto pela educação pessoal como pela formal, de modo que possa falar com base numa experiência ampla e bastante profunda para cativar as mentes e os corações de sua nova geração.

A Tarefa dos Leigos

Creio que o evangelismo de amanhã será, em grande parte, dependente de devotamento e zelo dos leigos piedosos. Ocultemos e neguemos isto como pudermos, porém não é tão fácil conseguirmos hoje um auditório como o era antes do advento da televisão. Se o nosso próprio povo não está disposto a deixar a poltrona no lar para comparecer às reuniões, então as possibilidades de muitos que não são membros de nossa igreja comparecerem são na verdade escassas. Penso que seria seguro dizer que onde o evangelismo público tem sido bem sucedido, tem-no sido, em grande medida, porque nosso povo se tem unido à causa e trazido seus vizinhos, amigos, parentes e queridos às reuniões.

É possível que o evangelismo de amanhã se firmará ou fraquejará não em tendas ou salões de reuniões mas na experiência vital de adoração de todos os membros. Isto deve incluir devoção pessoal, familiar e na igreja. O plano bíblico para despertar o povo e levá-lo a trabalhar é apañhar uma visão do “Senhor . . . alto e sublime.”

Se não se apresentar a nosso povo esta visão, dia a dia, ou pelo menos no dia de sábado, será bem duvidoso que estejam prontos a desempenharem seu papel no evangelismo de amanhã.

Estou convicto de que temos perdido uma grande porção de nosso auditório em potencial. Temo-lo perdido especialmente em centros onde vivem grande número de cristãos da mesma crença. Isto em parte se deve ao fato de que os verdadeiros cristãos são um povo separado. Até certo ponto a santidade é separação do mundo. Por vezes nos é difícil, como cristãos, fazer amizades com nossos vizinhos caso não estejam interessados nas coisas espirituais. Um bom plano, porém, é convidá-los a virem ao nosso lar passarem uma tarde conosco. Talvez possamos ter uma refeição em comum, e a seguir mostrar algumas fotografias que hajamos tirado, ou termos alguns jogos recreativos. Não creio, no entanto, que tenhamos resultados muito frutíferos do ponto de vista evangelístico, se convidarmos os vizinhos para virem murmuramos algumas palavras sobre política e o tempo, e a seguir nos sentarmos a assistir TV. Há muitas coisas edificantes das quais podemos convidar os vizinhos a participarem conosco. Se, contudo, os convidarmos apenas para fazer amizade, não teremos realizado muito. Precisamos alcançar o alvo em vista — que é o de apresentá-los finalmente ao nosso mais caro Amigo — o Senhor Jesus Cristo. E devemos também nos lembrar que se nos fraternizarmos somente com aqueles que não tomam bebidas alcoólicas, não fumam, não são profanos nem usam linguagem baixa, estaremos excluindo muitos a quem Deus podia alcançar por nosso intermédio.

Fiel à Bíblia

O quarto característico do evangelista de amanhã é que deverá ser fiel à Bíblia. Onde o evangelismo se tem desviado desta norma geralmente se degenerou ou em mera campanha de juntar pessoas à igreja ou em contenda teológica. O juntar-se à igreja é um passo que aqueles que ouviram a mensagem de Cristo devem tomar. E insistimos com ênfase que a pureza da doutrina é altamente importante. Contudo, a idéia bíblica de evangelismo transcende ambos esses pseudo-alvos.

A instrução e persuasão têm seu lugar no evangelismo. Não abono o excesso de simplificação que insiste que o Evangelho é “apanhado” e

não “ensinado.” Contudo reconhecemos que há um elemento de verdade nesse chavão. A “primeira milha” do cristão é comunicar a verdade do Evangelho, porém, a seguir, terá êle que ir à “segunda milha” e fazer tudo que puder sob a direção do Espírito no sentido de levar seu amigo a dar o passo da completa entrega a Deus.

O evangelismo fiel à Bíblia sempre exigirá um julgamento acerca de Cristo. Nem sempre tornará o homem perito quanto a pormenores da dogmática; nem sempre fará êle da pregação sua carreira; mas sempre fará de Jesus o centro de seus planos.

Parece-me que nós evangelistas faríamos bem em perguntarmos com frequência a nós mesmos: “Como minha obra se compara com a de Jesus, Paulo e João?” Uma tal lembrança seria estimulante, creio.

Sintonizado com Deus

O quinto característico que gostaria de sugerir é que o evangelismo de amanhã deve estar sintonizado com os tempos. Podemos nem sempre gostar do tom. Podemos ter uma só alternativa a apresentar. Porém se não ganharmos a atenção do povo, jamais saberão que existimos, ou que temos algo de valor para êles.

Tem-se dito que nossa maior necessidade, como evangelistas, é confiarmos mais no Senhor. Confiar n'Ele não significa que sejamos descuidados em nosso preparo de sermões, ou que devemos cessar os esforços para obtermos um verídico cristão positivo. A confiança no Senhor *requerêrá* que nós mesmos nos esforcemos para:

1. Tornar-nos estudiosos, dignos de ser ouvidos.
2. Entender como o povo pensa e como se sente.
3. Encontrar pessoas em meio à Babel de hoje, e assim possamos chamá-las ao descanso e paz que há em Cristo.

O evangelismo de amanhã não pode negligenciar por mais tempo os intelectuais. Não se deve desanimar, entretanto, se nenhum movimento de massas de “cérebros” aceite o simples evangelho. Porém o evangelismo precisa estar disposto a entrar nos areópagos bem como nas praças de mercado e fábricas.

Creio nos propósitos do Senhor para Sua igreja. Que nenhum dêles seja obstaculado por nós.

Sôbre S. Marcos 7:19

ARNALDO B. CRISTIANINI

ULTIMAMENTE, certos grupos religiosos em discrepância com os adventistas do sétimo dia, objetivando combater a doutrina da reforma pró-saúde, especialmente a parte de abstenção das carnes que a Bíblia classifica de "imundas", se têm valido de uma variante da tradução de S. Marcos 7:19, para fundamentarem o argumento de que Cristo purificou todos os alimentos.

A nova versão de Almeida "Edição Revista e Atualizada no Brasil" recentemente lançada, assim registra o verso:

"Por que não lhe entra no coração, mas no ventre, e sai para lugar escuso? E assim considerou Ele puros todos os alimentos." (Grifos nossos.)

E ainda procuram reforçar essa afirmação, citando a Versão Brasileira, de 1917, que consigna:

"Por que não entra no coração, mas no ventre, e é lançado no lugar escuso? Isto disse, purificando todos os alimentos." (Grifos nossos.)

Eis um versículo a que falta uniformidade nas traduções. A *Revised Version* (em inglês) põe em grifo a expressão "Isto disse Ele." E vimos até versões que citam toda a frase final do verso entre parêntesis.

Contudo nossa velha Bíblia de Almeida reza: "Porque não entra no seu coração, mas no ventre, e é lançado fora, purificando todas as comidas?"

Como se vê, não há a menor insinuação de que Cristo haja purificado TODOS os alimentos, mediante uma declaração anulatória das leis higiênicas. O sentido do verso é bem outro.

O texto original grego mais autorizado assim consigna o verso, sob o qual, interlinearmente, inserimos a tradução *verba ad verba* para melhor elucidação:

oti	oyk	eisporeyetai	aytoy
porque	não	entra	(seu)
eis	ten	kardian	all eis ten
para	o	coração	mas para o
koilian,	kai	eis	ton
ventre,	e ainda	para	a
aphedron	ekporeyetai,		
latrina	(é) expelido.		
KATHARIDZON	PANTA	TA	
purificando	tôdas	as	
BROMATA.			
comidas.			

Literalmente, é o que o verso diz.

O original revisto por Westcott and Hort consigna um ponto e vírgula após a palavra *ekporeyetai*; a seguir um travessão antes de *katharidzon panta ta bromata*. Isto faz o versículo li-

gar-se ao anterior com a expressão de Cristo "E Ele disse-lhes", que é subentendida no travessão. De acôrdo com este critério então a sentença final "purificando tôdas as comidas" não são palavras de Cristo, mas de S. Marcos, e constituem seu comentário sôbre o que Cristo quis dizer. A disposição do MS o autoriza.

Apesar disso, não se deve inferir que Cristo tivesse revogado as proibições taxativas do Velho Testamento tangenciadas com as espécies de carne, pois o sentido evidente dêsse comentário de Marcos é que Cristo, assim dizendo, tornou claro que a parte expurgada, digerida dos alimentos, era pura *porque não contaminava*, e isso sem levar em conta o fato de o comedor ter ou não executado a lavagem ritual das mãos, que aliás era o ponto em lide. (Ver o verso 2.) Com isso quis o Mestre ilustrar que não se incorria na impureza biológica e muito menos na suposta impureza cerimonial que o tradicionalismo talmúdico atribuía à ausência de lavagem das mãos. Espécie alguma de alimentos é mencionada na discussão que os evangelhos registram, e isso é importante. Tudo gira em tôrno da *maneira* de comer. Vê-se que, do princípio ao fim, Cristo trata de distinguir "mandamentos de Deus" das "tradições" dos homens, especialmente a lavagem cerimonial das mãos.

Cristo Se referiu ao processo digestivo, de modo especial para ilustrar seu ensino. Adão Clarke assim comenta o verso:

"Aquilo que é separado dos vários alimentos introduzidos no estômago, e é expelido do corpo, constitui partes não-nutritivas de *tôdas as comidas* que são ingeridas, e dessa forma são purificadas [expurgadas], ficando fora o que não é conveniente para o sustento do corpo."

Podíamos acrescentar as observações de João P. Lange:

"A *aphedron* [retréta] torna limpos todos os alimentos, não porque a imundície ou impureza da coisa consista em estar fora de seu lugar e, portanto, contaminando outras coisas. É ela um lugar de imundície para tôdas as residências; mas paradoxalmente é um lugar de *purificação* para a grande residência da Natureza. Não foi sem ironia que Cristo salientou este significado ideal dos meios externos de expurgação dos alimentos, dirigindo-se, como o fez, aos homens cheios de tradições, os quais porfiavam em sustentar a pureza *profilática externa* para seus alimentos."

À vista destas considerações, cremos que o sentido mais claro do versículo em tela foi apa-

(Continua na pág. 10)

O DECÁLOGO DO MINISTRO

Pablo R. Gómez

I

Não terás amigos íntimos alheios à Minha igreja. Lembra-te que se queres evitar que os jovens os tenham, deves dar-lhes o exemplo.

II

Não farás um ídolo de nenhum dos membros de tua igreja. Não compactuarás com êle desculpando-lhe os pecados, nem na igreja, nem em sua casa nem em seus negócios. Não mostrarás preferência por êle nem o adularás por causa de seu dinheiro, sua influência ou seus talentos, porque o Senhor teu Deus te pôs para repreender o pecado em todos.

III

Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão, e mesmo em teus sermões e orações o pronunciarás com reverência, evitando sua repetição desnecessária, porque o Senhor não terá por inocente o que tomar Seu nome em vão.

IV

Lembra-te do dia de repouso para o santificar, preparando sermões espirituais e apresentando sempre o Crucificado como único remédio para todos os males. Sômente desta forma lograrás corrigir os erros de teus paroquianos e poderás induzi-los ao arrependimento. Seis dias visitarás os membros de tua igreja e no sétimo apresentar-lhes-ás a Palavra de Deus, mostrando-lhes que o Senhor fez os céus e a Terra em seis dias de vinte e quatro horas e repousou no sétimo, abençoando-o e instituindo-o como dia de descanso.

V

Honra a cada um de teus paroquianos diante dos demais, e nunca falarás mal de nenhum dêles, pois Jesus morreu por todos. De modo que, se quiseres ser grandemente apreciado na igreja, deves honrar a todos por igual.

VI

Não matarás com tua indiferença os membros humildes ou sem talentos destacados, ou aquêles com os quais não simpatizes.

VII

Não adulterarás a Palavra de Deus, misturando-a com teorias e ensinamentos humanos.

VIII

Não furtarás a reputação do membro que te haja criticado; antes procurarás corrigir-te se sua crítica é razoável.

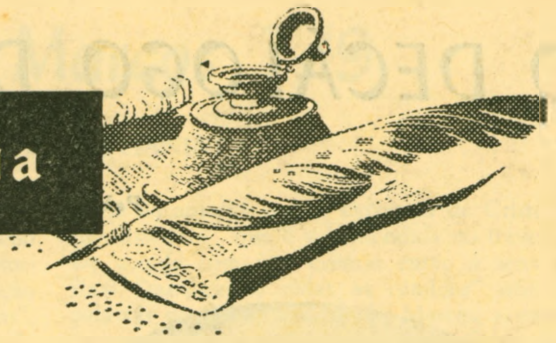
IX

Não levantarás falso testemunho contra nenhum de teus paroquianos, exagerando um simples erro ou tratando de fazê-lo aparecer como pecado grave; antes serás justo e equitativo em tudo.

X

Não cobiçarás a igreja de teu colega no ministério, não cobiçarás seus talentos, sua simpatia pessoal, seu dom de administrar, sua oratória, nem coisa alguma dêle.

Nossa Língua



Miscelânea

A. B. C.

Apresentamos hoje aos leitores pequenas questões tangenciadas com a expressão falada. Há certas impropriedades de termos que se tornam hábitos, e difícil se afigura ao pregador desvincular-se delas. Contudo, não nos devemos esquecer de que a expressão correta valoriza a mensagem que pregamos. O argumento de que, para um auditório inculto ou composto de pessoas simples, fica melhor um português descuidado, é insubsistente, porquanto, segundo a Bíblia e expressas recomendações do Espírito de Profecia, os cristãos devem aprimorar-se também em seus conhecimentos gerais, incluindo necessariamente o linguístico. Paulo recomendava a Timóteo: "Persiste em ler". O certo é cuidarmos de elevar também o nível intelectual do rebanho, e não acoroçoar-lhe a incultura. Além da Bíblia, dos Testemunhos, e da nossa literatura, os membros da igreja deveriam ser incentivados a ler, ler mais, ler bastante, ler sobre outros assuntos edificantes, livros bons, bem escritos, mas ler sempre.

Expressões Inconvenientes

Geralmente se diz "Cristo é o cabeça da igreja", e, por incrível que pareça, a nova Bíblia assim o diz em Efés. 5:23. A Versão Brasileira e a Almeida comum, porém, dizem com acerto: "Cristo é a cabeça da igreja". Realmente Cristo é a cabeça, pois assim o exige a concordância quando há bom sentido. A expressão "o cabeça" só se deve aplicar quando o sentido é pejorativo ou revolucionário. Ex. Lopes foi o cabeça da insurreição. Cristo, porém, é a cabeça da igreja.

O pregador, no púlpito, deve evitar certa adjectivação bombástica, nem sempre exata. Expressões como "formidável", "fantástico", "tranchant", "fabuloso", "cento por cento", "colosso" "fenomenal" não se devem empregar, a não ser com muito cuidado, quando realmente caibam no fraseado. Há certas expressões que, não sendo gíria, abastardam a linguagem e constituem impropriedades que se devem evitar.

Nas orações devem-se evitar expressões difônicas e as que possam sugerir sentido diverso. Muito comum é "Tua santa casa de oração",

onde o "santa casa" dá idéia de hospital caritativo; "nós, como filhos teus", pode assemelhar-se a "filisteus", etc.

Qual o certo: *ministrar* a Ceia, ou *administrar* a Ceia? Deve-se preferir a primeira forma, que tem sentido mais explícito de servir, conferir, aplicar, distribuir, etc. Contudo, administrar não é errado e também se aplica no caso, porém não com a mesma exatidão de *ministrar*.

Muito usual o verbo "enfaticar". No entanto, se o irmão o procurar nos dicionários, não o encontrará. Há o substantivo "ênfase", e o adjetivo "enfático", que são vernáculos. O verbo "enfaticar", porém, não se deve empregar. Deve-se preferir "realçar", "acentuar", "destacar", que são formas corretas.

Insistimos em evitarem-se expressões como "vamos dobrar os nossos joelhos", "vamos inclinar a nossa frente". Deve-se evitar o possessivo e preferir a forma imperativa. Assim, será melhor dizermos: "Dobremos os joelhos", "inclinemos a frente". Em vez de "vamos inclinar as nossas cabeças", deve-se dizer "inclinemos a cabeça".

Origem da Palavra Cemitério

O erudito filólogo Prof. Silveira Bueno, em seu livro "Questões de Português", assim explica a origem da palavra *cemitério*: "Tomando-a etimologicamente quer a palavra significar apenas *dormitório*, lugar onde se dorme, que este é o significado do étimo grego *koimiterion*. Mas semanticamente encerra uma influência do cristianismo: pregando a ressurreição, defendendo a imortalidade da alma, a morte não passa de um sono para a religião cristã, de que se acorda na outra vida. Por isto, o lugar onde vão *dormir* os falecidos, tomou o nome de *dormitório*, isto é, *cemitério*. Não conhece o Sr. a frase latina: *In Domino obdormuit*, adormeceu no Senhor? Esta idéia de comparar a morte com o sono já existia entre os gregos porque denominavam seus cemitérios, ou melhor, suas sepulturas, *eunasteria*, do verbo *eunazein*, dormir. Assim, os sepulcros eram considerados leitos, camas porque o tema que aí está: *euné* quer dizer leito." — pág. 83.

Interessante, não acham?